



Seminários de Cultura Arquitectónica

Antologia de Ensaios

Coord. Paula André

Seminários de Cultura Arquitectónica

Antologia de Ensaios

Integrado na unidade curricular Cultura Arquitectónica do Mestrado Integrado em Arquitectura do Iscte-iul o **Ciclo de Seminários Cultura Arquitectónica** contou com investigadores do Dinâmia'cet-Iscte que partilharam os quadros teóricos e críticos das suas pesquisas, promovendo assim uma discussão exploratória de temas que compõem o campo expandido da arquitectura. Como construção intelectual de carácter circunstancial a Cultura Arquitectónica interessa-nos numa perspectiva retrospectiva, prospectiva e interrogativa, e num resgate contínuo da máxima vitruviana: em arquitectura a prática é inseparável da teoria. As lições da teoria e da revisão historiográfica, da ecologia e da paisagem, da conservação e da arquitectura corrente, da mudança digital e do espaço público, montam o dinâmico atlas dos discursos e dos contra-discursos arquitectónicos. Defendemos as afinidades electivas entre o antigo e o novo e entre a diversidade de identidades e a transnacionalidade cultural, englobando os panoramas dominantes, os contra-panoramas e os sucessivos estratos da memória.

Coordenação editorial e científica

Paula André (DINÂMIA'CET-ISCTE /Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA'CET-ISCTE)

Edição

DINÂMIA'CET-ISCTE

Janeiro de 2023

ISBN

978-989-781-743-4

Fotografia na capa

Avenida Infante Santo, Lisboa, 2022, fotografia de Paula André

Índice

p.1

Laboratórios e Ensaios do Futuro da Arquitectura – nota de apresentação

Paula André (Dinâmia'cet-iul)

p.5

Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitectura

Margarida Marino (Dinâmia'cet-iul)

p.18

Historiografia da Arquitectura: vazios e vícios

Nuno Magalhães (Dinâmia'cet-iul)

p.31

Vegetação na Cidade pelo olhar de Gonçalo Ribeiro Telles

Elodie Marques (Dinâmia'cet-iul)

p.39

Conservação crítica e dinâmicas de intervenção no património corrente

Marta Vicente (Dinâmia'cet-iul)

p.49

Ativismo e Espaço Público: a cidade, a comunicação e as transformações sócio-espaciais em Lisboa

Patrícia Amorim (Dinâmia'cet-iul)

p.60

Notas Curriculares

Laboratórios, Ensaios e Futuros da Arquitectura nota de apresentação

Em contexto de aporofobia¹, de impostura moral², de réplicas da pandemia, de crise energética, e de guerra na Ucrânia, e com o sentido de uma arquitectura comprometida e interrogativa, promovemos uma reflexão em torno de uma cultura arquitectónica que congregate as mudanças de sensibilidade, as formas conscientes e inconscientes de pensar, a teoria, a crítica, a história, e a obra arquitectónica construída e não-construída. Nesse sentido assume-se a cultura arquitectónica como um processo histórico organico em permanente mudança, em que o passado não deve ser limitado a um mero conhecimento mas sim entendido como uma ferramenta operativa e criativa para o futuro.

Pelo mundo, o ano de 2023 apresenta um conjunto de encontros que pensam em conjunto o futuro da arquitectura, a coesão social, a participação cívica, o design, as artes integradas, a sustentabilidade e o ambiente construído.

O 28º Congresso Mundial de Arquitectos (World Congress of Architects, 2023) promovido pela União Internacional de Arquitectos (UIA) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) sob o lema *Futuros Sustentáveis. Não deixar ninguém para trás (Sustainable Futures. Leave no one behind)* assumirá a arquitectura como ferramenta operativa para alcançar os 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU "lançando luz sobre o potencial da arquitectura para moldar sociedades melhores e contribuir para um futuro sustentável"³. O arquitecto Thomas Vonier, presidente da União Internacional de Arquitectos (UIA) considera que é uma oportunidade para valorizar o design urbano na vida quotidiana e reforçar o lugar da arquitectura na sociedade contemporânea e na construção do verdadeiro compromisso de não deixar ninguém para trás.

A arquitecta Lesly Lokko, curadora da Bienal de Arquitectura de Veneza (La Biennale di Venezia di Architettura, 2023), com o tema *O Laboratório do Futuro (The Laboratory of the Future)*, sublinha que está a surgir uma nova ordem mundial “com novos centros de produção e controle de conhecimento” e que “após dois dos anos mais difíceis e decisivos de que há memória, os arquitectos têm uma oportunidade única de

¹ CORTINA, Adela – **Aporofobia, el rechazo al pobre. Un desafío para la democracia.** Barcelona: Paidós, 2017.

² GALÁN, Edu – **La mascara moral. Por qué la impostura se ha convertido en un valor de mercado.** Editorial Debate, 2022.

³ World Congress of Architects, in, [UIA World Congress of Architects – CPH 2023 \(uia2023cph.org\)](https://uia2023cph.org)

mostrar ao mundo o que fazem de melhor: apresentar ideias ambiciosas e criativas que nos ajudem a imaginar um futuro mais equitativo e optimista em comum”⁴.

Reunindo a arquitectura da Asia Ocidental, da Asia Meridional e de África a 2ª edição da Trienal de Arquitectura de Sharjah (Sharjah Architecture Triennial-SAT, 2023), tendo como curadora a arquitecta Tosin Oshinowo e como tema *A Beleza da Impermanência: Uma Arquitectura de Adaptabilidade (The Beauty of Impermanence: An Architecture of Adaptability)* procura explorar as ligações entre a escassez, a criatividade, o desenho, e o modo como os desafios do Sul Global criaram uma “cultura de reutilização, reapropriação, inovação, colaboração e adaptação”⁵. A ambição será explorar como podemos reorientar os diálogos globais para criar um futuro mais sustentável, resiliente e equitativo.

A 5ª edição da Bienal de Arquitectura de Chicago (Chicago Architecture Biennial-CAB 5, 2023) com direcção artística do colectivo de artistas, arquitectos, poetas e educadores *Floating Museum* intitula-se *Isto é um Ensaio (This is a Rehearsal)* e procurará explorar questões ambientais, políticas e económicas, numa abordagem que agregue a arte, a arquitectura, a infraestrutura e a participação cívica, com o propósito de pensar o futuro da arquitectura e do design⁶. Os membros do colectivo *Floating Museum* consideram ser uma oportunidade para coordenar intercâmbios entre as redes de Chicago e profissionais de todo o mundo, através da intersecção de disciplinas, onde a participação cívica inspira e molda o processo de trabalho do colectivo.

A 9ª edição de Concentrico-Festival Internacional de Arquitectura e Desenho de Logroño (Concentrico-Festival Internacional de Arquitectura y Diseño de Logroño, 2023) propondo reflectir sobre o ambiente urbano e a cidade através de propostas de arquitectura e de desenho em diferentes formatos (instalações, exposições, encontros, performances, oficinas e actividades), lança concursos para a realização de três intervenções e uma convocatória para práticas participativas com o programa *Cities Ahead*⁷.

Integrado na unidade curricular Cultura Arquitectónica do Mestrado Integrado em Arquitectura do Iscte-Iul o *Ciclo de Seminários Cultura Arquitectónica* contou com investigadores do Dinâmia’cet-Iscte que partilharam os quadros teóricos e críticos das suas pesquisas, promovendo assim uma discussão exploratória de temas que compõem o campo expandido da arquitectura. Como construção intelectual de carácter circunstancial a cultura arquitectónica interessa-nos numa perspectiva retrospectiva, prospectiva e interrogativa, através de um resgate contínuo da máxima vitruviana: em arquitectura a prática é inseparável da teoria.

Margarida Marino no ensaio *Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura* centra-se na relação entre a reflexão teórica, a interpretação crítica, a leitura da história, e o projeto de arquitetura na construção do campo disciplinar da Arquitetura, procurando

⁴ La Biennale di Venezia di Architettura, in, [Biennale Architettura 2023 | Homepage 2023 \(labiennale.org\)](https://www.labiennale.org)

⁵ Sharjah Architecture Triennial, in, [Sharjah Architecture Triennial](https://www.sharjaharchitecture.com)

⁶ Chicago Architecture Biennial-CAB 5, in, [Chicago Architecture Biennial](https://www.chicagoarchitecturebiennial.org)

⁷ Concentrico-Festival Internacional de Arquitectura y Diseño de Logroño , in, [Concéntrico – Festival Internacional de Arquitectura y Diseño de Logroño \(concentrico.es\)](https://www.concentrico.es)

através de um percurso pela obra de Pedro Vieira de Almeida, revelar a importância da interação Teoria-Crítica-História-Projeto na formação do conhecimento arquitetónico.

Nuno Magalhães no ensaio *Historiografia da Arquitetura: vazios e vícios* centra-se nas histórias da arquitetura, como resultado de uma construção, por natureza parcial, debruçando-se nos “vazios e vícios” dos relatos históricos, recorrendo a duas matrizes de análise: uma *estrutural* e outra *disciplinar*. A metodologia de *análise estrutural*, integrou os recursos utilizados na construção das narrativas, e os tipos ou géneros, mais utilizados pelos historiadores e pelos arquitetos. A metodologia de *análise disciplinar*, teve em consideração, a maior, ou menor importância, que os historiadores e arquitetos atribuíram, a cada um dos parâmetros da tríade vitruviana (*firmitas, utilitas, venustas*), enquanto enfoques da análise histórica.

Elodie Marques no ensaio *Vegetação na Cidade pelo olhar de Gonçalo Ribeiro Telles* e no âmbito da celebração do centenário do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922–2020) recupera um texto publicado em 1957 na revista *Agros* (Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia) no qual se debate *A importância actual da vegetação na cidade*. O discurso é enquadrado no contexto da arquitetura paisagista em Portugal e nos debates e preocupações contemporâneas relacionadas com o ambiente urbano revelando a atemporalidade dos conceitos abordados.

Marta Vicente no ensaio *Conservação crítica e dinâmicas de intervenção no património corrente* centra-se na responsabilidade de quem tem como profissão desenhar cidades e edifícios, abordando a teoria da conservação crítica e a sua viabilidade para intervenção no património construído. O ensaio tem como objetivo proporcionar um momento de discussão e debate sobre o tema da intervenção no património construído, sensibilizando para a necessidade de intervir sobre o que já existe e, por outro lado, alertando para o facto de existirem várias formas de conduzir essas intervenções.

Patrícia Amorim no ensaio *Ativismo e Espaço Público: a cidade, a comunicação e as transformações sócio-espaciais em Lisboa* centra-se na revolução tecnológica, que juntamente com o meio digital, apresenta novas práticas de comunicação e usos da Internet com impactos inimagináveis até o final do século XX e início do século XXI. Protestos caracterizados pelo uso de redes sociais virtuais para a organização e divulgação de manifestações e posteriormente, ocupação de espaços públicos urbanos, passam a ter um desdobramento notório no território europeu, estendendo-se à capital portuguesa, Lisboa. O ensaio procura revelar os desdobramentos que ocorreram nos espaços públicos lisboetas a partir das mudanças tecnológicas de comunicação e a consequente transformação das dinâmicas sócio-espaciais de manifestações de protestos urbanos.

As lições da teoria e da revisão historiográfica, da ecologia e da paisagem, da conservação e da arquitectura corrente, da mudança digital e do espaço público, montam um dinâmico atlas dos discursos e dos contra-discursos arquitectónicos. Defendemos as afinidades electivas entre o antigo e o novo e entre a diversidade de identidades e a transculturalidade, que englobam os actuais panoramas dominantes, os contra-panoramas e os sucessivos estratos da memória. Se por um lado como identifica o psicólogo Edu Galán há no presente uma falsa forma de contestação no activismo social, por outro lado

e como alerta a filósofa Adela Cortina só é possível superar a aporofobia através da educação, da eliminação das desigualdades económicas, da promoção da democracia e de uma hospitalidade cosmopolita.

Paula André

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Dinâmia'cet-Iscte

paula.andre@iscte-iul.pt

Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura¹

Margarida Marino

ISCTE-IUL - DINÂMIA'CET-IUL

margaridamarino@gmail.com

Resumo: O ensaio *Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura* tem como tema a relação entre a reflexão teórica, a interpretação crítica, a leitura da história, e o projeto de arquitetura na construção do campo disciplinar da Arquitetura. A Teoria define-se como um discurso não normativo que compreende os elementos que compõem a linguagem arquitetónica, definindo uma matriz nuclear para a interpretação da arquitetura, ou seja, para a Crítica, que se define como instrumento indispensável para a leitura de História, numa articulação de influências recíprocas, na qual o Projeto se estabelece como origem e fim. Neste contexto, a obra do arquiteto Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) é exemplar. Em 1963, o autor apresenta no âmbito do Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto – CODA, o *Ensaio sobre o Espaço da Arquitetura*, no qual desenvolve uma análise do espaço da arquitetura, definindo os parâmetros teóricos que estão presentes na interpretação e prática de arquitetura ao longo da sua obra. Nesse sentido, propõe-se enquadrar o significado de Teoria, Crítica, História e Projeto e o modo como se articulam e participam na construção do campo disciplinar da Arquitetura, procurando através de um percurso pela obra de Pedro Vieira de Almeida, revelar a importância da interação Teoria-Crítica-História-Projeto na formação do conhecimento arquitetónico.

Palavras-chave: Teoria, Crítica, História, Projeto de Arquitetura, Pedro Vieira de Almeida

¹ O presente texto é referente à apresentação realizada no Ciclo de Seminários Cultura Arquitetónica, realizado no ISCTE-IUL, a 29 de Setembro de 2022, e tem por base a investigação desenvolvida na Tese de Doutoramento intitulada **Pedro Vieira de Almeida (1933-2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE -IUL, 2021.

Introdução

O ensaio *Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura* tem como tema a interação entre a Teoria, a Crítica, a História e o Projeto no campo disciplinar da arquitetura e a sua relevância na construção do conhecimento arquitetônico. Neste contexto, a obra de Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) é paradigmática, sendo exemplar da articulação e influências mútuas que se estabelecem entre reflexão teórica, a interpretação crítica, a leitura da história e a elaboração do projeto, tendo o *espaço* como vetor nuclear de conexão. Pretende-se assim revelar, não só a importância para a prática de arquitetura da formação de um pensamento teórico estruturado na relação entre a teoria, a crítica e a história, como também a necessária consciência dessa ligação entre corpo teórico e o prático para a Cultura Arquitetônica.

A compreensão da relevância da articulação Teoria-Crítica-História-Projeto na construção do pensamento arquitetônico, é assinalada desde logo por Bruno Zevi em *Saber Ver a Arquitetura* (1977), no qual defende que o contributo teórico da História assenta numa metodologia de análise crítica que tem como critério o *espaço*², tal como entende Manfredo Tafuri em *Teoria e História da Arquitetura* (1979), que defende uma crítica operativa que considera definir-se como “ponto de encontro entre a história e o projeto” uma vez que “*projecta* história passada projetando-se em direção ao futuro [...], não se contenta com o registar dos acontecimentos, mas leva a soluções ainda por abordar”³. Assim, a Crítica permite a instrumentalização a História na prática, ou seja, enquadra-se naquilo que Gustavo Rocha-Peixoto define de “modo culturalista” no qual “um pluralismo científico genuíno, não permite mais distinguir História e Teoria”⁴.

O ensaio estrutura-se em duas partes, *Noções: Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura* na qual se determina o significado individual de Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura, e as suas interações, a partir de alguns autores que, enquadrados no âmbito de uma dessas áreas, assinalam a indispensável conexão entre todas. A segunda parte *Teoria-Crítica-História-Projeto na obra de Pedro Vieira de Almeida*, apresenta-se um percurso pela obra de Pedro Vieira de Almeida no qual a conceção teórica do *espaço da arquitetura* definida pelo autor no início da sua atividade estabelece-se como matriz na interpretação crítica, na leitura da história e no desenho de projeto.

Desse modo, propõe-se enquadrar o significado de Teoria, Crítica, História e Projeto e o modo como se articulam e participam na construção do campo disciplinar da Arquitetura.

1. Noções: Teoria, Crítica, História e Projeto de Arquitetura

O campo disciplinar da Arquitetura estrutura-se numa rede de conexões entre a Teoria, a Crítica, a História e o Projeto, e nesse sentido importa compreender o significado de cada uma destas áreas e de que forma atuam.

² ZEVI, Bruno - *Saber Ver a Arquitectura*. 2o ed. Lisboa: Arcádia, 1977, p.17.

³ TAFURI, Manfredo - *Teorias e História da Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 1979, p.168.

⁴ ROCHA-PEIXOTO, Gustavo - *A Estratégia da Aranha. Ou: da possibilidade de um ensino metahistórico em arquitetura*. Rio de Janeiro: RioBooks, 2013, p.80.

A Teoria constitui uma reflexão sobre a prática e para a prática, de modo maleável e não normativo, procurando determinar o significado das noções da arquitetura, os seus elementos e analisar as suas consequências⁵, estabelecendo-se assim como “um sistema de pensamento mediante o qual se ordena um conjunto de proposições lógicas”⁶.

No que se refere à Crítica, tal como Vittorio Ugo e Roberto Massiero (1990) definem, “a palavra crítica, que deriva do grego *kríno* que designa um separar, escolher, selecionar, pôr de parte, valorizar, decidir, julgar, interpretar, explicar. Pressupõe sempre um ato de juízo, um objeto sujeito a juízo, razões para julgar e, em última análise valores a reter ou a formar”⁷.

A História tal como refere Jaques Le Goff (1990), define-se etimologicamente como “procura, investigação e narração de factos do passado”⁸ a partir do olhar do presente, como entende José-Augusto França ao afirmar que “a validade da obra historiográfica depende exatamente da consciência cultural do seu tempo que o autor tenha”⁹, na qual os factos e objetos do passado são revelados na procura de respostas para as questões teóricas e culturais do presente.

Considera-se que o Projeto se define como um *processo*, um ato de criação dilatado num tempo limitado, de desenho, organização, formalização, que implica diversas fases e para o qual intervém múltiplos fatores. Simultaneamente, entende-se o Projeto enquanto *documento*, uma vez que é testemunho do pensamento, da linguagem e do contexto cultural do seu autor, e por isso, tal como defende Pedro Vieira de Almeida, é relevante para a análise e interpretação teórico-crítica de um determinado espaço-tempo, e nesse sentido para uma leitura historiográfica¹⁰.

⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de – Posicionamento Teórico Genérico. **Revista de História da Arte**, 10 (2012), p. 26

⁶ WAISMAN, Marina – **El Interior de la Historia. Historiografía Arquitectónica para uso de Latinoamericanos**. Bogotá: Escala, 1993, p. 29.

⁷ UGO, Vittorio; MASIERO, Roberto – **La Questione Architettura**. Milano: Cluva Editrice, 1990, pp. 13-17. Citado em TOUSSAINT, Michel – **Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2009, Tese de Doutoramento, p.173.

⁸ LE GOFF, Jaques – **História e Memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 1990. Citado em UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 209.

⁹ FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009, pp. 9. Citado em UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 209.

¹⁰ Em 1970, Pedro Vieira de Almeida propõe à Fundação Calouste de Gulbenkian a criação de um núcleo de estudos de arquitetura, que além da pesquisa e investigação teórico-crítica, constituísse um arquivo de desenhos e projetos dos arquitetos mais significativos do século XX, como o intuito de preservar essa documentação que Vieira de Almeida considera relevante para o estudo da arquitetura moderna portuguesa, destacando a importância dos projetos não concretizados. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian [processo SBA 013332]. UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, pp. 343-348.

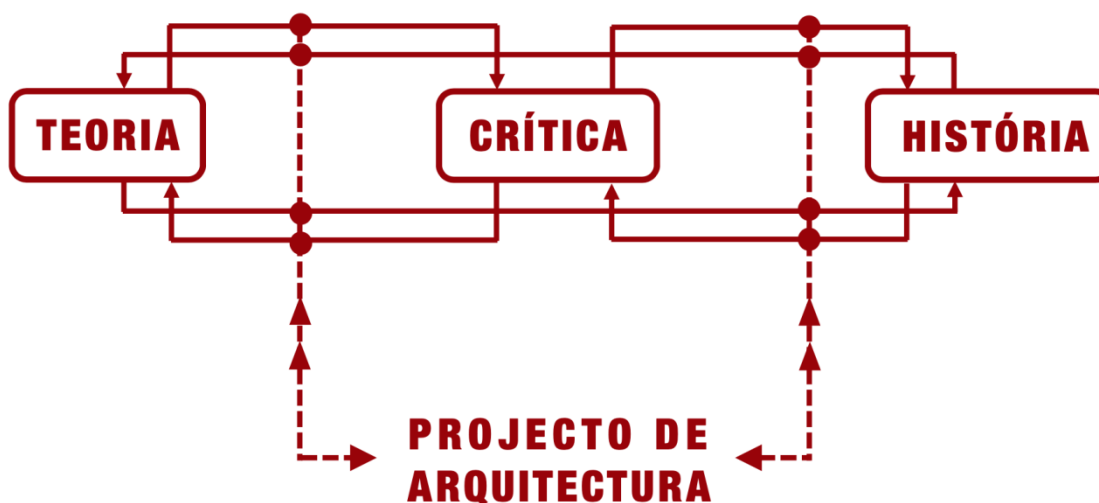


Figura 1 – Esquema das ligações entre Teoria, Crítica, História, Projeto de Arquitetura.
 © elaborado pela autora, 2022.

A Teoria, a Crítica, a História e o Projeto, que se procurou definir individualmente, estabelecem uma relação de interdependência que se articula de modo dual com projeto, construindo assim o campo disciplinar da Arquitetura.

No entender de Marina Waisman (1993) “a História é uma descrição crítica da sucessão dos feitos arquitetónicos, na qual a teoria precede e dirige a investigação histórica”¹¹, destacando a articulação Teoria-Crítica-História-Projeto de Arquitetura, considerando que “história, teoria, e crítica são três modos de refletir sobre a arquitetura, intimamente entrelaçados” e sendo “a arquitetura uma atividade concreta e prática, qualquer tipo de reflexão que a ela se refira conservará uma relação mais ou menos direta com a práxis”¹².

Do mesmo modo, Josep Maria Montaner (1999) refere que “crítica, teoria e história, apesar de utilizarem métodos distintos e ter objetivos próprios [...] são inseparáveis” considerando que “a missão da crítica não consistiria só em teorizar ou só analisar a obra, como também em reconduzir esses fluxos contínuos entre teoria e criação, dois mundos que não podem entender-se separadamente”¹³ tal como considera Hélio Piñon (2006) ao afirmar que “uma teoria do projeto não pode ignorar o papel da crítica na configuração de um quadro de referência das decisões que medeiam entre a conceção e

¹¹ WAISMAN, Marina – **El Interior de la Historia. Historiografía Arquitectónica para uso de Latinoamericanos**. Bogotá: Escala, 1993, p. 29.

¹² WAISMAN, Marina – **El Interior de la Historia. Historiografía Arquitectónica para uso de Latinoamericanos**. Bogotá: Escala, 1993, p. 29. Citado em UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 9.

¹³ MONTANER, Josep Maria – **Arquitectura y Crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999, pp. 22-23. Citado em UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 9.

a obra”¹⁴. Nesse sentido, como refere Edson Mahfuz (2003) “a teoria, a história e a crítica da arquitetura encontram-se na base de toda a metodologia para fazer arquitetura”¹⁵.

2. Teoria-Crítica-História-Projeto na obra de Pedro Vieira de Almeida¹⁶

A articulação Teoria-Crítica-História-Projeto estabelece-se na obra de Pedro Vieira de Almeida a partir da noção de espaço da arquitetura que o autor desenvolve no *Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura*¹⁷, apresentado ao Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto em 1963.

No *Ensaio* o autor desenvolve uma reflexão e análise teórica da arquitetura em termos de espaço singular no contexto arquitetónico nacional, e que vai ser seminal na obra do autor, uma vez que aí define os parâmetros que determinam a estrutura interpretativa e prática que vai estar presente ao longo da sua atividade.

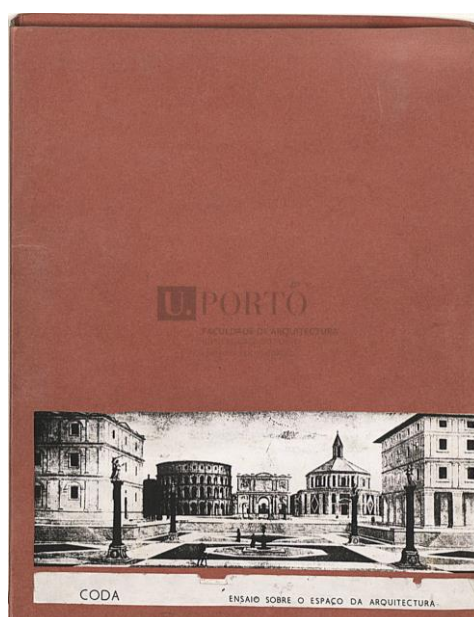


Figura 2 – Capa do CODA de Pedro Vieira de Almeida *Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura* (1963)
© <http://www.repositorio-tematico.up.pt>

¹⁴ PIÑON, Hélio – **Teoria del Proyecto**. Barcelona: Ediciones UPC, 2006, p.184. Citado em UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitectura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 10.

¹⁵ MAHFUZ, Edson – Teoria, história e crítica, e a prática de projeto. **Vitruvius – Arqtextos** [em linha]. Novembro de 2003, [consult. 2016-06-16]. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/04.042/640>. Citado em UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitectura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 10.

¹⁶ Este ponto do ensaio tem como base as considerações finais da Tese de Doutoramento UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitectura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, pp. 269-297.

¹⁷ ALMEIDA, Pedro Vieira de – **Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura**. Porto: Escola de Belas-Artes do Porto, 1963, Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto.

A análise que Pedro Vieira de Almeida propõe sobre o espaço da arquitetura pretende constituir um contributo para o debate arquitetónico da época, estabelecendo uma reflexão que procura delinear critérios para pensar o espaço enquadrado culturalmente, sendo determinante o espaço-transição, que para Pedro Vieira de Almeida tem maiores implicações para o renovamento da arquitetura moderna.

O espaço-transição define-se numa melhor compreensão e definição das categorias primárias de espaço interno e espaço externo, que no entender do autor contém as categorias secundárias de espaço-núcleo, que corresponde a espaços de repouso, e espaço-complementar que corresponde a espaços de movimento.

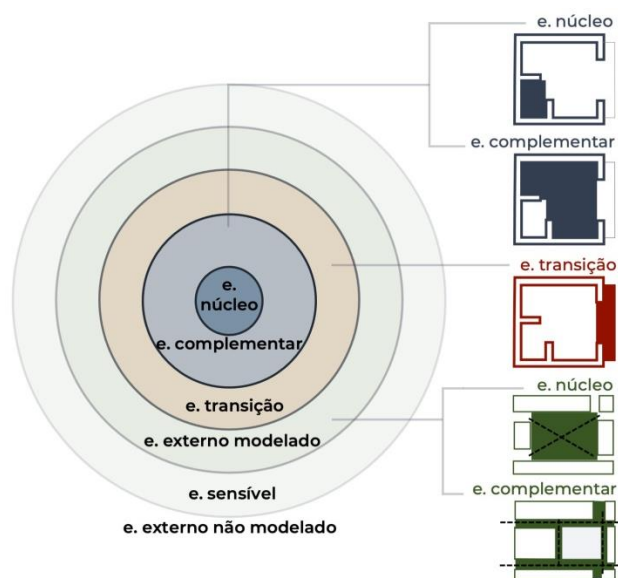


Figura 3 – Diagrama do *espaço interno, espaço externo e espaço-transição*.

© UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 281.

No que se refere ao espaço interno, contrariamente ao sistema do século XIX, no qual os espaços núcleo surgem ligados através de um corredor, ou à sua radical inversão pelo Movimento Moderno onde o espaço deixa de ser confinado e passa a espaço fluído, Pedro Vieira de Almeida propõe a existência de espaços núcleos que se ligam através de um espaço fluído e que se define como espaço complementar, sendo exemplar a Ralph Lester House, de Frank Lloyd Wright. No espaço externo, os espaços núcleo, correspondem a espaços com centro de gravidade, o que remete para praças ou largos, e os espaços complementares correspondem a “passagens” entre os espaços núcleos, associando-se às ruas.

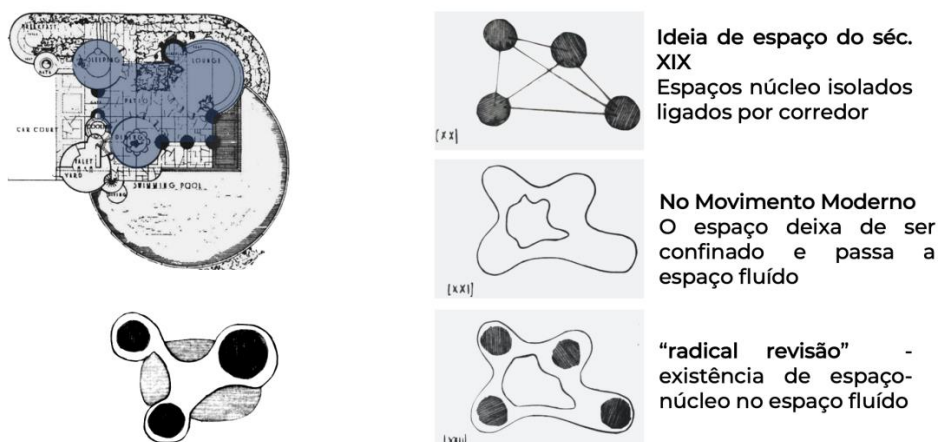


Figura 4 – Esquemas da relação de espaço-núcleo e espaço-complementar na Ralph Lester House, de Frank Lloyd Wright (esq.) e a evolução do século XIX ao Movimento Moderno e a proposta do autor (dir.) apresentados no *Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura* (1963).

© UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitectura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010).** Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 279.

O espaço-transição define-se na relação entre o espaço interno e o espaço externo, e estabelecendo uma continuidade. Para Pedro Vieira de Almeida, a arquitetura racionalista procurou resolver a relação entre o interior e o exterior por via de amplos envidraçados, e não por meio do espaço. O espaço-transição permite projetar o espaço interior para o exterior, sendo relevante na questão da articulação da arquitetura com o urbanismo.

No entender de Pedro Vieira de Almeida, o espaço-transição estabelece-se como a categoria de espaço com maiores implicações no quadro de debate sobre a evolução da arquitetura moderna no sentido de uma arquitetura atenta ao contexto, uma vez que é uma categoria de espaço característica de um modo culturalmente nosso de habitar, que é a vida no semi-exterior e que encontramos de diversas formas na arquitetura regional portuguesa.

A abordagem teórica sobre o espaço da arquitetura que Pedro Vieira de Almeida desenvolve no *Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura*, pretende ser um contributo para o debate arquitetónico da época, para o qual a Crítica vai constituir-se como fundamental método de investigação, a partir da interpretação das obras de arquitetura permitindo relacionar a reflexão teórica ao projeto de arquitetura.

Nesse sentido, Pedro Vieira de Almeida vai ser pioneiro ao revelar a obra de Siza Vieira, numa leitura crítica na qual os critérios teóricos do espaço da arquitetura que o autor desenvolve são estruturantes. Na análise crítica à obra de Siza Vieira, destaca-se a piscina das marés em Leça da Palmeira, pela relação entre espaços internos, externos e de transição que, no entender do autor, “Siza estrutura a sua solução na conceção de um «tempo para entrar». [...] Os espaços-núcleo, os espaços-de-transição e os espaços

exteriores que se sucedem, são uma quase transposição direta do percurso e da sua qualificação arquitetónica”¹⁸.

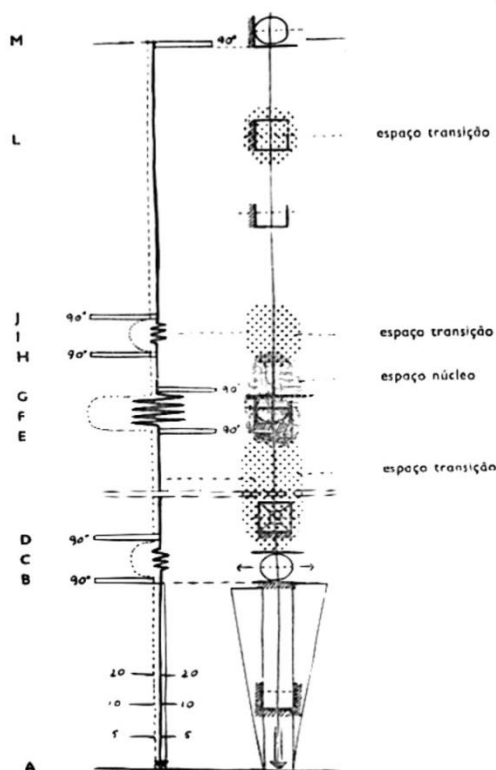


Figura 5 – Esquema de Pedro Vieira de Almeida da análise do *espaço-itinerário* da Piscina de Leça da Palmeira.

© UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 287.

Do mesmo modo, a identificação da compreensão do significado arquitetónico do espaço-núcleo, espaço-complementar e espaço transição na obra de Raul Lino, e o domínio da articulação desses espaços, leva Pedro Vieira de Almeida a considerar polemicamente Raul Lino como arquiteto moderno. No entender do autor “através da interiorização dos espaços exteriores, ou da exteriorização dos espaços internos, Raul Lino cria sucessivas e subtis gradações convergentes, de uma categoria de espaço que chamo espaço-transição, espaço a que já foi possível [...] atribuir não só um papel significativo na definição das características regionais em matéria de arquitetura, mas também um papel não menor na evolução de toda a arquitetura moderna”¹⁹.

¹⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira de – Uma análise da Obra de Siza Vieira. **Arquitetura**, 96 (1967), p.65. Citado em UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 286.

¹⁹ ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino. Arquitecto Moderno. In: AA.VV. **Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua Obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 148. Citado em UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 288.

A consciência crítica dos valores regionais da arquitetura leva Pedro Vieira de Almeida enquadrar Raul Lino, e também Carlos Ramos, numa post-modernidade. No entender do autor a post-modernidade constitui o macro-paradigma que se inicia no século XXI, e que se define no assumir de valores regionais quer enquanto “proposta potencial” num *Regionalismo Crítico*, quer enquanto “filtro de leitura” que o autor designa por *Internacionalismo Crítico*²⁰. Para Pedro Vieira de Almeida, a atitude crítica atenta às expressões locais em Raul Lino e Carlos Ramos “vinha recusar em absoluto aquela falsa dicotomia tão invocada na época entre Modernidade-Tradição” uma vez que “nem a «Modernidade» que ambos importava se definia nos parâmetros então correntes, nem a «Tradição» que ambos referiam, tinha fosse o que fosse a ver [...] com aquela «tradição» que não se apresentava senão como mistificação, desbotado e auto complacente folclore”²¹.

A questão *modernidade-tradição* é, não só marcante no desenvolvimento da arquitetura ao longo do século XX, como é central na interpretação de Pedro Vieira de Almeida da História da Arquitetura Moderna em Portugal. Neste sentido, o autor estabelece uma leitura distinta daquela estabelecida na historiografia da arquitetura, que o autor designa de “ortodoxa”, na qual a arquitetura que se desenvolve no período do Estado Novo, entre as décadas de 30 e 50, surge em oposição à modernidade, numa linguagem nacionalista, historicista, e neo-tradicional, apodada de “Português Suave” e que, por ter sido imposta pelo regime, estabelece-se como Arquitetura *do* Estado Novo. Para Pedro Vieira de Almeida, em rigor esta é Arquitetura *no* Estado Novo, resultado, não da imposição do regime, mas da fragilidade teórica dos arquitetos que não souberam concretizar uma arquitetura *moderna e portuguesa* tal como foi solicitado pelo regime em diversos concursos. Assim, da hesitação dos arquitetos entre *modernidade e tradição* surge uma arquitetura de cariz tradicional “timidamente moderna” que, em analogia a “Português Suave”, o autor designa de “Arquitetura Doce”.

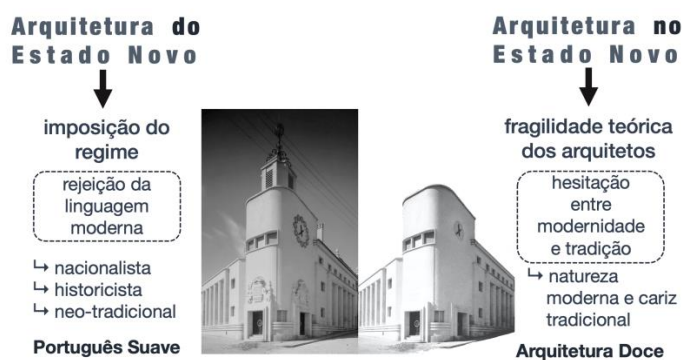


Figura 6 – Diagrama da distinção entre a leitura “ortodoxa” da arquitetura do período do Estado Novo e a interpretação de Pedro Vieira de Almeida (elaborado pela autora). Fotografia da Caixa Geral de Depósitos da Guarda (1939) – Luis Cristino da Silva (alterado pela autora)

© UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010).** Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 291

²⁰ ALMEIDA, Pedro Vieira de - **Apontamentos - para uma Teoria da Arquitectura.** Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p.86.

²¹ ALMEIDA, Pedro Vieira de - **Dois parâmetros de arquitetura postos em surdina: Leitura crítica do Inquerito à Arquitetura Regional.** Caderno 2. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2011, p. 54.

Neste contexto, o documento enviado a Salazar por ocasião do primeiro concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres (1933-1935), no entender de Pedro Vieira de Almeida é significativo da tentativa dos arquitetos de lançar uma *teoria-come-proposta* de uma arquitetura moderna e portuguesa, mas as consequências “são praticamente nulas ao nível da arquitetura concreta que se vai desenvolver”²².

Contudo, para o autor o documento apresenta aspetos relevantes para uma leitura atual, nomeadamente a “vontade de retomar as «grandes tradições da arquitetura» articulada com a vontade de estabelecer uma linguagem baseada no *padrão* e na *capela*”²³ recuperado a vertente poético-simbólica perdida no Movimento Moderno. Assim, o *padrão* assume a função simbólica de instaurar o espaço, e como espaço exterior, e a *capela* o função simbólica de estar no espaço, e como espaço interior²⁴. A *vertente poético-simbólica*, segundo o autor “vai privilegiar a *função-simbólica*”²⁵ que integra um sistema de valores antro-po-culturais do espaço²⁶ e se associa à carga expressiva de toda a arquitetura que o autor classifica *de instauração de espaço*.

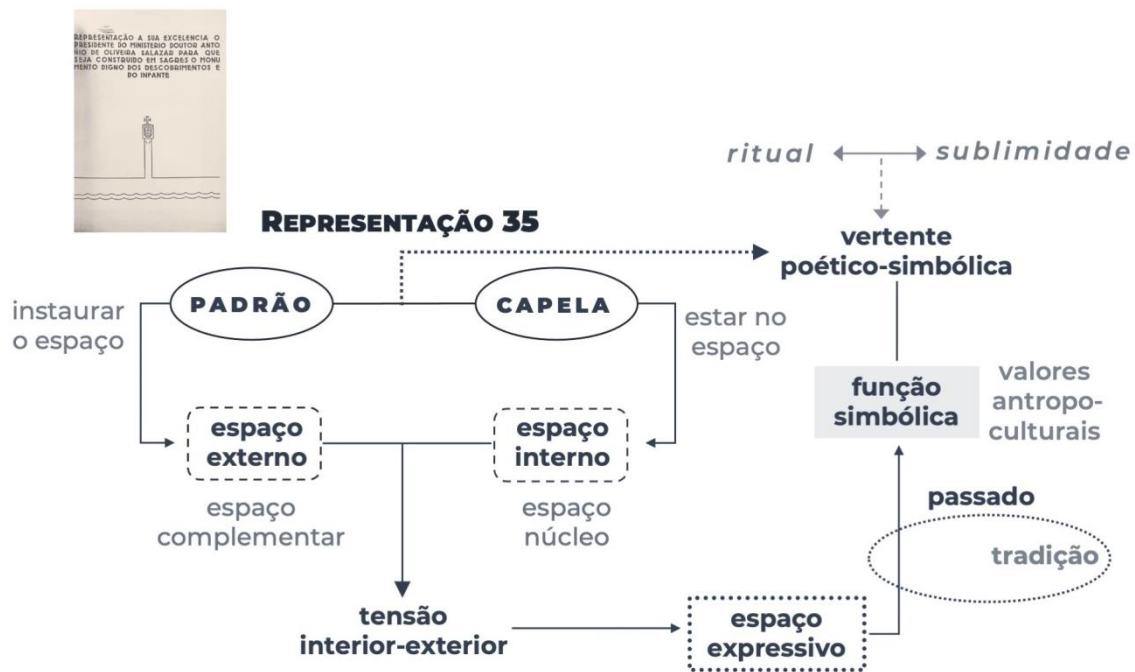


Figura 7 – Diagrama da interpretação de Pedro Vieira de Almeida do documento “Representação 35”.
 © UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010).** Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 292.

²² ALMEIDA, Pedro Vieira de - *A Arquitetura no Estado Novo*. Lisboa: Horizonte, 2002, p. 169.
²³ ALMEIDA, Pedro Vieira de - *A Arquitetura no Estado Novo*. Lisboa: Horizonte, 2002, p. 83.
²⁴ UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010).** Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 292.
²⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de - *O Tronco da Arquitectura - Do Racionalismo como borbulha*. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2002, p. 30.
²⁶ ALMEIDA, Pedro Vieira de - *Apontamentos - para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p.62.

A reflexão teórico-crítica que Pedro Vieira de Almeida desenvolve reflete-se no projeto de arquitetura, sendo exemplar a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, nos Olivais Sul (1980-1988). O edifício organiza-se em duas partes, o *templo* e o espaço de entrada no qual se organiza o programa associado aos serviços (biblioteca; gabinetes; secretaria; e arquivo), estabelecendo a articulação entre o *templo* e a cidade.

O espaço de entrada é marcado por os pátios interiores que acompanham o trajeto até ao *templo*, que além de iluminar o percurso, dilatam o espaço de circulação criando um amplo espaço de convívio e apropriação que permite um ambiente de semi-exterior no qual o espaço interno é exteriorizado e os espaços exteriores são interiorizados, propondo desse modo a redefinição do tradicional adro/nártex.

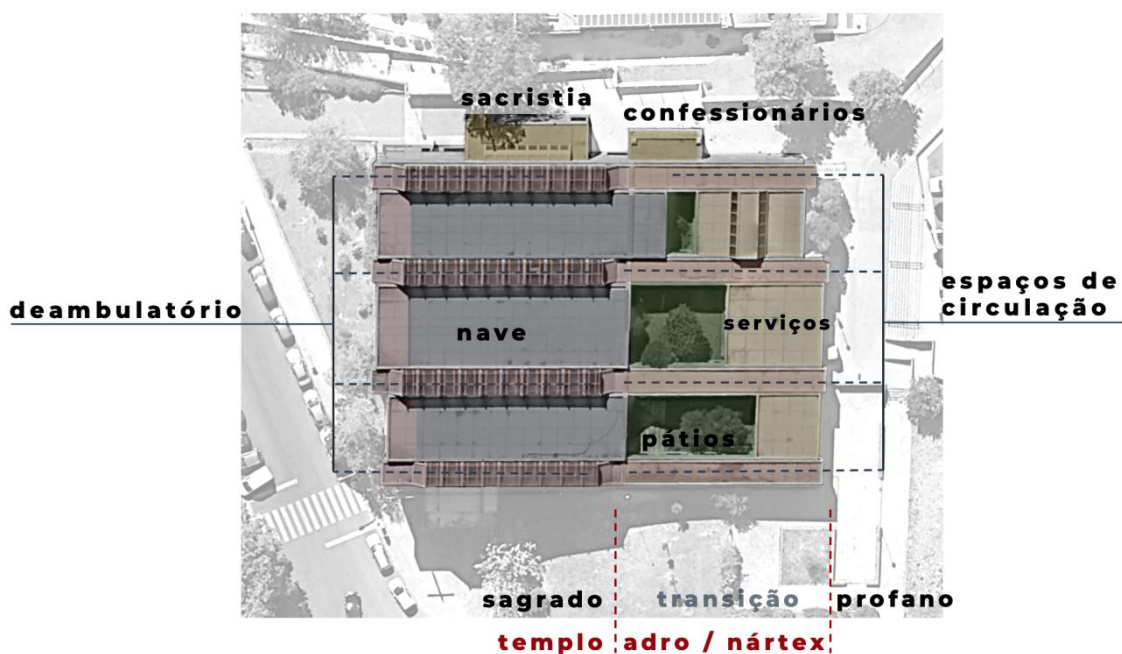


Figura 8 – Ortofotomapa da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, Olivais Sul, com as diferentes funções do espaço assinaladas.

© UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010).** Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 285.

Os espaços de circulação prolongam-se na nave transformando-se em *deambulatório*, numa transição que é marcada pela iluminação que deixa de ser horizontal e passa a ser vertical acompanhando o sentido do percurso, numa luz controlada que envolve toda a nave, que dá forma e qualifica esse percurso, criando *um tempo para entrar*, tal como Pedro Vieira de Almeida destaca na análise da Piscina de Leça da Palmeira de Siza Vieira²⁷.

²⁷ UCHA, Maria Margarida – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010).** Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento, p. 286.

Considerações finais

A obra de Pedro Vieira de Almeida reflete a importância das relações entre a reflexão teórica, a interpretação crítica, a leitura da história, e o projeto de arquitetura, sendo que a operatividade individual da Teoria, da Crítica, da História e do Projeto se estabelece na interação entre todas. Nesse sentido, a Teoria só se constitui como instrumento na prática arquitetónica, na sua relação com a história e a crítica, ou então, em vez que de se estabelecer como um pensamento arquitetónico, não será mais que um discurso normativo. A crítica se não se apoiar na teoria e na história, não passa de uma narrativa inconsequente, tal como a história, que se não tiver como estrutura fundamental a teoria, e crítica, constitui-se como descrição de factos organizados cronologicamente, e não como instrumento para a prática concreta. O Projeto de arquitetura fundamenta a Teoria, a Crítica e a História, áreas que se articulam na construção de uma consciência teórica que orienta a prática arquitetónica.

Bibliografia

ALMEIDA, Pedro Vieira de – **Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura**. Porto: Escola de Belas-Artes do Porto, 1963, Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto.

ALMEIDA, Pedro Vieira de – Uma análise da Obra de Siza Vieira”. *Arquitectura*, 96 (1967), pp.64-67.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Raul Lino. Arquitecto Moderno. In: AA.VV. **Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua Obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - **Apontamentos - para uma Teoria da Arquitectura**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

ALMEIDA, Pedro Vieira d. - **A Arquitectura no Estado Novo**. Lisboa: Horizonte, 2002.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - **O Tronco da Arquitectura - Do Racionalismo como borbulha**. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2002.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - **Dois parâmetros de arquitetura postos em surdina: Leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional**. Caderno 2. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2011.

FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

LE GOFF, Jaques – **História e Memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 1990.

MAHFUZ, Edson – Teoria, história e crítica, e a prática de projeto. **Vitruvius – Arqtextos** [em linha]. Novembro de 2003, [consult. 2016-06-16]. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/04.042/640>

MONTANER, Josep Maria – **Arquitectura y Crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

PIÑON, Hélio – **Teoria del Proyecto**. Barcelona: Ediciones UPC, 2006.

TOUSSAINT, Michel – **Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX**. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2009, Tese de Doutoramento.

UCHA, Maria Margarida. – **Pedro Vieira de Almeida (1933 - 2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2021. Tese de Doutoramento.

WAISMAN, Marina – **El Interior de la História. Historiografía Arquitectónica para uso de Latinoamericanos**. Bogotá: Escala, 1993.

Historiografia da arquitetura: vazios e vícios

Nuno Magalhães

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Dinâmia'cet-iul

nmagalhaes75@gmail.com

Resumo: As histórias da arquitetura, são o resultado de uma construção, e por natureza parciais. Um relato histórico absolutamente isento, e imparcial, é naturalmente difícil. O ensaio que levámos a cabo, debruça-se, precisamente, sobre os “vazios e vícios” dos relatos históricos. A revisão a que submetemos as histórias canónicas da arquitetura portuguesa do século XX (1973-2015), recorreu a duas matrizes de análise: uma *estrutural* e uma *disciplinar*. A amostra a que recorremos, para analisar as obras de referência, congrega um conjunto de narrativas e de autores, que, nos últimos 50 anos, contribuíram para a definição da especificidade cultural da arquitetura portuguesa do século XX, e para a formação da estrutura canónica, da sua historiografia. A metodologia de *análise estrutural*, integrou os recursos utilizados na construção das narrativas, e os tipos ou géneros, mais utilizados pelos historiadores e pelos arquitetos. A metodologia de *análise disciplinar*, teve em consideração, a maior, ou menor importância, que os historiadores e arquitetos atribuíram, a cada um dos parâmetros da tríade vitruviana, enquanto enfoques da análise histórica. A revisão historiográfica que efetuámos, aos cânones da história da arquitetura portuguesa, além de chamar à atenção para um conjunto de vícios, que, conscientemente, ou não, conduziram a estruturação das narrativas, expõe um conjunto de vazios, que decorrem de processos de exclusão. A revisão que levamos a cabo, alertou-nos, em larga medida, para a necessidade de uma postura crítica constante, diante de eventuais desequilíbrios que possam estar a contaminar a análise histórica contemporânea.

Palavras-chave: Historiografia, histórias canónicas, vazios, vícios

1. Revisões historiográficas à Arquitetura do Século XX

A elaboração de uma investigação que tenha por base, uma análise ao discurso das histórias da arquitetura de referência, implica, necessariamente, uma abordagem crítica. A desconstrução de estruturas historiográficas enraizadas, terá de partir, necessariamente, de uma postura crítica, para expor alguns dos vícios recorrentes, e para revelar um conjunto de vazios que a construção das narrativas acabou por criar. Em contexto internacional, começamos por destacar a análise que Marina Waisman dedicou ao processo historiográfico. No seu primeiro livro¹, *La estructura histórica del entorno*, publicado em 1972, irá sublinhar a constante apropriação de modelos historiográficos canónicos. Em 1988, Maria Emilia Hernández Pezzi, irá efetuar uma análise² que irá revelar-nos o profundo envolvimento entre história e crítica. Em 1990, Marina Waisman irá retornar à historiografia, por via de duas variáveis essenciais: o espaço, e o tempo. O seu livro, *El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos*³, irá alertar-nos para a preponderância das narrativas teóricas sobre a caracterização dos objetos arquitetónicos. Em 1999, irá surgir uma obra seminal, em torno da *historiografía da arquitetura moderna*. O autor dessa importante contribuição científica, Panayotis Tournikiotis⁴, irá chamar-nos à atenção para o envolvimento da história na validação da arquitetura contemporânea. Uma das repercussões da obra de Panayotis Tournikiotis, surgiu cinco anos após a sua publicação, pela mão da historiadora Maria Garibay⁵. O estudo que leva a cabo, volta a salientar a preponderância das narrativas teóricas sobre as análises disciplinares. Em 2006, Dana Arnold coordena uma antologia de textos, cujo objetivo, era “explorar as tensões entre os métodos e abordagens da história, arqueologia e história da arquitetura”⁶. No prefácio dessa compilação, irá sublinhar a preponderância da narrativa de estilo e de autor. A obra, *What is Architectural History?*, que Andrew Leach⁷ publica em 2010, consubstancia uma reflexão sobre utilidade que história da arquitetura poderá ter, para aqueles que fazem arquitetura, e volta a declarar o domínio da narrativa teórica, sobre a narrativa disciplinar. A análise que Ricardo Malagón Gutiérrez⁸ irá efetuar em 2010, às histórias da arquitetura moderna, irá salientar a importância da narrativa ideológica, no âmbito de uma história envolvida com a política. Em 2011, Ángel Isac Martínez de Carvajal⁹, irá estudar um conjunto de *Modelos historiográficos*, que, no seu ponto de

¹ WAISMAN, Marina – **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971.

² PEZZI, María Emilia Hernández - **Historiografía de la arquitectura moderna**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Arte, Tese doctoral, 1988.

³ WAISMAN, Marina - **El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos**. Bogotá: Escala, 1990.

⁴ PANAYOTIS, Tournikiotis - **The Historiography of Modern Architecture**. The MIT Press, 1999

⁵ GARIBAY, Maria Lizbeth Aguilera – **La historiografía de la arquitectura de Panayotis Tornikiotis. Ensayo introductorio y traducción**. Mexico: Universidade Ibero Americana. Tese submetida para obtenção de grau de Mestre em História, 2004.

⁶ ARNOLD, Dana; ALTAN ERGUT, Elvan; TURAN OZKAYA, Belgin - **Rethinking Architectural Historiography**, Abingdon: Routledge, 2006. p. 17

⁷ LEACH, Andrew - **What is Architectural History?** Polity Press, Cambridge, 2010

⁸ GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - **La historiografía de la arquitectura moderna: un proyecto político - discursivo de la arquitectura**. In: GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - *La experiencia de la arquitectura en el proyecto y el objeto*. Primera Edition. Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano. 2010. pp. 59-115

⁹ CARVAJAL, Ángel Isac Martínez de - **A história da arquitetura do século 20. Modelos historiográficos**. In: IBÁÑEZ, María Pilar Biel (coord.) - *Lições dos mestres: abordagem histórico-crítica aos grandes historiadores da arquitetura espanhola*. 2011, pp. 35-58

vista, terão marcado *a história da arquitetura do século XX*. Na apresentação das linhas mestras, que terão caracterizado, o modo como a arquitetura desse período, foi relatada, irá alertar-nos, mais uma vez, para os indistintos limites, entre história e crítica. Em 2014, Marcarena de la Vega de Leon¹⁰, ao revisitar a *Historiografía da Arquitectura Moderna* de Panayotis Tournikiotis, chama-nos à atenção para a mitificação do Movimento Moderno, enquanto principal referência ética do presente. A *historiografía da arquitetura contemporânea*, que Hernán Lameda Luna¹¹ elabora, em 2017, sublinha os vazios presentes nas sucessões cronológicas que definiram o movimento moderno. A *historiografía da arquitetura moderna latino-americana*, consubstanciada, em 2017, pela dissertação de mestrado, de Ruben García Miranda¹², irá expor a falta de coerência das narrativas teóricas do Movimento Moderno, diante dos resultados práticos. A tese de doutoramento que Daniela Arias Laurino¹³, defende em 2018, expõe os mecanismos de omissão de contribuições das mulheres arquitetas, nas décadas de 20, 30 e 40, do século XX. Em 2020, Ruth Zein¹⁴ irá revelar-nos como é que o cânon que moldou a arquitetura moderna, excluiu outras propostas de modernidade. Um ano depois de publicar *o vazio significativo do cânon*, Ruth Zein¹⁵ irá coordenar uma antologia, que reúne um conjunto de *Revisões historiográficas*, efetuadas às histórias da arquitetura moderna brasileira. Na contribuição que apresenta, chama à atenção para o envolvimento em que funcionava a avaliação histórica, e a produção do século XX. No contexto português selecionámos duas obras, cuja importância, decorre, da *abordagem crítica*, que conduziu a análise efetuada às histórias da arquitetura portuguesa do século XX. A revisão que Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso¹⁶ efetuam, em 2012, à *historiografía do Movimento Moderno em Portugal*, irá denunciar a constante apropriação de modelos historiográficos. A contribuição de Maria Margarida Ucha¹⁷, *para uma historiografía da arquitetura portuguesa*, deita por terra o mito de um Movimento Moderno, anti-histórico, e disciplinarmente exemplar, por via da releitura de obras excluídas do cânone da modernidade portuguesa.

¹⁰ DE LA VEGA DE LEON, Marcarena - **The Historiography of Modern Architecture: Twenty-five Years Later**. Athens: [s.n.]. ATINER'S Conference Paper Series, 2014.

¹¹ LUNA, Hernán Lameda - **Cuatro historiadores, cuatro aproximaciones a la historia de la arquitectura contemporánea: Zevi, Tafuri, Jencks y Frampton**. Caracas: Trienal de Investigación FAU 2017, História y patrimonio, 2017.

¹² MIRANDA, Ruben García - **Historiografía de la Arquitectura Moderna. El caso latino-americano**. Uruguai: Dissertação de Mestrado em Arquitectura, apresentada a Faculdade de Arquitectura de la Universidad URT Uruguay, Faculdade de Arquitectura. 2017

¹³ LAURINO, Daniela Arias - **La construcción del relato arquitectónico y las arquitectas de la modernidade. un análisis feminista de la historiografía**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, Tesi doctoral, UPC, Departament de Teoria i Història de l'Arquitectura i Tècniques de Comunicació, 2018.

¹⁴ ZEIN, Ruth Verde - **O vazio significativo do cânon**. V!RUS, São Carlos, n.º 20, 2020.

¹⁵ ZEIN, Ruth Verde – **Revisões historiográficas: Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021

¹⁶ MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra – **O Inquérito à Arquitetura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal**. In: Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em homenagem a José-Augusto França - Sessões Simultâneas (2ª edição revista e aumentada). Lisboa: APHA. 2015, p. 535-546

¹⁷ UCHA, Maria Margarida Perdigão Festas Mariño - **“Português Suave” e “Arquitetura Doce”:** **contributos para uma historiografia da arquitetura portuguesa**. Lisboa: ISCTE, 2015. Dissertação de mestrado

Vícios e vazios

As revisões historiográficas que apresentamos, trouxeram à luz, um conjunto de vícios que, conscientemente, ou não, conduziram a estruturação das narrativas. Desses vícios destacam-se os que, em certa medida, constituíram *recursos do relato histórico - apropriação (de modelos historiográficos), envolvimento (entre história e crítica), omissão (de obras e autores)* - e os que contribuíram para a preponderância de um, ou de mais *tipos de narrativas - (de) estilo, (de) autor, teórica, ideológica, culturalista*.

As revisões historiográficas expuseram ainda, um conjunto de vazios. Os que foram gerados por processos, que excluíram, obras e autores, não enquadráveis nos parâmetros que as histórias canónicas definiam para a arquitetura moderna - *universalidade, vanguardismo anti-histórico, ética disciplinar* - e os vazios que nos foram revelados por uma análise disciplinar que valoriza determinados parâmetros em detrimento de outros.

2. Análise às histórias canónicas da arquitetura portuguesa do séc. XX (1973-2015)

A postura crítica que observamos nestas *Revisões Historiográficas*, além de nos ter revelado um conjunto de vícios e vazios, aproximou-nos de valores existenciais da arquitetura, e da sua prática. A análise que levamos a cabo, recorreu a duas matrizes de análise: uma *estrutural* e uma *disciplinar*. A matriz de análise estrutural integrou os recursos utilizados na construção do relato histórico, os tipos de narrativa que tiveram maior preponderância e os parâmetros que histórias canónicas definiram para moldar a arquitetura moderna. A matriz de análise disciplinar, serviu para verificar se a avaliação dos aspetos reais e concretos dos objetos arquitetónicos, ocorreu de modo equilibrado. A aproximação às estruturas arquiteturais da disciplina, conduziu-nos a 3 parâmetros, que nos chegaram pela mão da tradição clássica, mais precisamente por via do tratado *De Architectura* de Vitrúvio, publicado no século I antes de Cristo.



Figura 1 – Medalha do Pritzker Architecture Prize. Inscrições da face posterior *Firmness; Commodity; Delight* The Pritzker Architecture Prize [Em Linha]. Chicago: The Hyatt Foundation. [Consult. 10.06. 2019]. Disponível na internet: <https://www.pritzkerprize.com/about>

Firmitas, Utilitas e Venustas, enquanto parâmetros de uma primeira categoria de análise, são intrínsecos e inseparáveis da obra arquitetónica, e surgem-nos aqui, na face posterior da medalha do Pritzker Prize, relacionados com a Firmeza, com a Funcionalidade, e com a Beleza. A chamada de atenção para estes valores da tradição clássica, advém do facto de não terem sido considerados com igual ponderação nas histórias da arquitetura moderna. O equilíbrio é fundamental, na relação proclamada por Vitrúvio. A amostra a que recorreremos para analisar as obras de referência, congrega um

conjunto de narrativas e de autores, que, nos últimos 50 anos, contribuíram para a definição da especificidade cultural da arquitetura portuguesa do século XX, e para a formação da estrutura canónica da sua historiografia. A metodologia de *análise estrutural* integrou os recursos utilizados na construção das narrativas, e os tipos ou géneros, mais utilizados pelos historiadores e pelos arquitetos. A metodologia de *análise disciplinar*, teve em consideração, a maior, ou menor importância, que os historiadores e arquitetos deram, a cada um dos parâmetros da tríade vitruviana, enquanto enfoques da análise histórica.

3. Histórias canónicas da arquitetura portuguesa do século XX (1973-2015)

A evolução da arquitetura moderna em Portugal: uma interpretação

Nuno Portas (1934-)

O discurso histórico desta obra de Nuno Portas, envolve-se, em vários momentos, com o da crítica. A sua crença na modernidade, encontra suporte, nas contribuições dos seus “heróis”. O carácter revolucionário dos mesmos, ao contrastar com o conservadorismo de outros, revela o cariz ideológico da narrativa. Os resquícios do ideário moderno, traduzem-se numa preferência por obras que assumem um compromisso ético-social. Essa preferência irá traduzir-se nos vazios que decorrem da rejeição de propostas que não se enquadram nesse mesmo ideário.

A arte em Portugal no século XX – 1911-1961

José-Augusto França (1922-2021)

A narrativa histórica de José-Augusto França, converge para leituras onde coexiste arte, história social e crítica. O relato recorre a aspetos estilísticos e formais, para legitimar a validade da cultura arquitetónica portuguesa. A modernidade, constituía, no entender deste autor, a única saída para a arquitetura portuguesa sair do atraso em que se encontrava no início do século XX. A necessidade de encontrar exemplos de modernidade, gera alguns vazios, com a exclusão de propostas menos fáceis de enquadrar no contexto da ética disciplinar moderna. A expressão é o parâmetro que irá dominar a análise efetuada aos objetos arquitetónicos.

A arquitetura do fascismo em Portugal

Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) e José Manuel Fernandes (1953-)

O discurso histórico desta obra de Nuno Teotónio Pereira e de José Manuel Fernandes, coincide, por diversas vezes, com o da crítica. O processo de seleção de obras, irá omitir as contribuições anteriores à sucessão cronológica definida. A narrativa parte das propostas de um grupo de “vilões”, cuja ação reacionária, ilustra o discurso ideológico. O modo como estes autores condenam os arquitetos e as obras que se afastaram das vanguardas anti-históricas, e do compromisso ético-social da modernidade, acaba por excluir os não alinhados. A análise efetuada aos arquétipos da arquitetura do fascismo em Portugal, foca-se na expressão.

Percurso: Arquitectura Portuguesa, 1930/1974.

Sérgio Fernández (1937-)

A análise histórica de Sérgio Fernandez, confunde-se, em vários momentos, com a análise crítica. As propostas de modernidade do início do século XX, são omitidas deste percurso da arquitetura portuguesa. A narrativa irá salientar, o contributo daqueles que

elege, como protagonistas da modernidade, e condenar, a perlongada e negativa influência dum suposto legado reacionário. O juízo ideológico com que se refere às obras, e aos autores que rejeitam a universalidade e a ética disciplinar da arquitetura moderna, exclui as propostas que se distanciam desses parâmetros. A matriz ideológica, que orienta este “percurso” pela arquitetura portuguesa, busca por valores da modernidade, na expressão arquitetónica. Esse enfoque irá gerar vazios, na caracterização funcional e construtiva.

A Arquitetura Moderna

Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) e José Manuel Fernandes (1953-)

Nesta obra de Pedro Vieira de Almeida e de José Manuel Fernandes, recorre-se a um modelo historiográfico, concebido por uma historiadora francesa (Françoise Choay). Esta obra consubstancia uma história, cuja identificação com a crítica, tem o intuito de gerar polémica. A narrativa apoia-se num conjunto de autores, para estabelecer ligações com a tradição arquitetónica portuguesa. A análise histórica, ao incidir sobre as ligações culturais da expressão arquitetónica, gera alguns vazios na caracterização funcional e construtiva.

Sínteses da Cultura Portuguesa, Arquitetura

José Manuel Fernandes (1953-)

A síntese panorâmica que José Manuel Fernandes pôs em prática, não seria viável sem a omissão de um conjunto de obras e de autores. A narrativa irá debruçar-se sobre aspetos formais e estéticos, para definir um conjunto de características e de valores permanentes, na longa tradição portuguesa. Ao incidir sobre “constantes e características” da expressão arquitetónica portuguesa, gera alguns vazios na caracterização funcional e construtiva.

Arquitetura, os últimos vinte cinco anos

Paulo Varela Gomes (1952-2016)

Esta análise de Paulo Varela Gomes é consubstanciada por um ensaio histórico, assumidamente crítico, sobre a arquitetura portuguesa dos últimos vinte cinco anos do século XX. O período em que esta narrativa incide, encerra uma época de transição, em que a arquitetura portuguesa se define por via das linguagens que os seus principais autores ensaiam. O predomínio de descrições que incidem sobre a expressão da linguagem formal, gera um conjunto de vazios na caracterização funcional e construtiva.

Quinas Vivas. Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitetura portuguesa dos anos 40

José António Bandeirinha (1958-)

A análise histórica de José António Bandeirinha, envolve-se na defesa do contributo metodológico de Fernando Távora. A desconsideração da produção apoiada pelo estado novo, rejeita a possibilidade da mesma constituir uma proposta de modernidade. O período em que a narrativa incide, tem subjacente, um confronto estilístico e ideológico, entre o fazer moderno e o fazer nacional. As abordagens de Raul Lino, e de Fernando Távora, à questão da “casa portuguesa”, servem para condenar a superficialidade do primeiro, e para enaltecer a modernidade ética e cultural do segundo. A análise disciplinar incide sobre aspetos da expressão arquitetónica, e gera vazios significativos na caracterização funcional e construtiva.

Portugal: Arquitetura do século XX

Ana Tostões (1959-)

Nesta compilação que Ana Tostões coordena, os capítulos seguem uma organização temática e cronológica, que decorre de modelos historiográficos canónicos. A narrativa apoia-se no pluralismo da produção do século XX, para promover a validade internacional, a originalidade, e a especificidade cultural da arquitetura portuguesa moderna e contemporânea. Esta obra recorre permanentemente aos parâmetros da expressão, da funcionalidade, e do sistema construtivo. A gestão equilibrada desses parâmetros, contribuiu para uma análise abrangente, e sem vazios significativos.

Português Suave: Arquiteturas do Estado Novo

José Manuel Fernandes (1953-)

Este livro de José Manuel Fernandes, acaba por repetir a sucessão cronológica que tinha utilizado, num estudo anterior. Nesta narrativa de cariz culturalista, irá recuperar os antecedentes das Arquiteturas do Estado Novo, e apresentar a componente inventiva e estilística, por via dos seus principais autores. Nesta obra, o enfoque sobre a expressão, tem o intuito de estabelecer, a génese dos principais arquétipos formais das Arquiteturas do Estado Novo. Os aspetos funcionais são analisados por via da tipologia que lhe está associada. O sistema construtivo dos edifícios, não é alvo de destaque, nas descrições que o autor nos apresenta.

Arquitetura portuguesa: A imagem de “Caixa”

Jorge Cruz Pinto (1960-)

Nesta obra de Jorge Cruz Pinto, o modo como a metáfora da caixa, se mantém válida, até à contemporaneidade, decorre de outros modelos historiográficos. A imagem de caixa, enquanto invariante produtivo, de resistência, e de transformação, não seria praticável sem a omissão das obras não enquadráveis nessa premissa. A relação formal, entre a “Caixa” e a Arquitetura Portuguesa, apoia-se num discurso teórico que estabelece inúmeras ligações de continuidade cultural. A investigação centra-se no processo conceptual que está subjacente à expressão formal, e os aspetos funcionais são observados por via da tipologia. O desequilíbrio que se verifica gera vazios relevantes na caracterização funcional e construtiva.

Da arquitetura à teoria: Teoria da arquitetura na primeira metade do século

Michel Toussaint (1946-)

Este estudo de Michel Toussaint, apesar de assumir uma convergência, entre história e crítica, não revela um sentido operativo que possa influenciar a prática arquitetónica. A narrativa teórica, apoia-se no percurso de continuidade cultural que a arquitetura portuguesa trilhou, na primeira metade do século XX, enquanto disciplina formada por conceitos, existências construídas, e práticas arquitetónicas. A análise de aspetos relacionados com a história e com a teoria, não deixou espaço para a caracterização formal, funcional e construtiva.

Modernidade Inquieta. Arquitectura e identidades em construção

Rui Ramos (1961-)

Na narrativa que Rui Ramos constrói, a convergência, entre a análise histórica, e os fundamentos teóricos, de uma modernidade em constante renovação, não revela qualquer intenção de influenciar a prática arquitetónica. Neste relato teórico e

culturalista, a questão identitária, irá sobrepor-se à análise de aspetos relacionados com a expressão, e com o sistema construtivo. A funcionalidade é analisada por via da sua relação com a tipologia habitacional.

4. Sistematização da análise estrutural e disciplinar efetuada às histórias canónicas da arquitetura portuguesa do século XX

A *análise estrutural* que levamos a cabo, trouxe à luz um conjunto de vazios. A dissecação empreendida, demonstrou que a maior parte das narrativas históricas não conseguiu deixar de se envolver com a crítica, e de tecer julgamentos que poderão ter influenciado a prática arquitetónica. A omissão de obras e de autores, nas sucessões cronológicas, foi outro dos recursos de construção da narrativa que detetamos, quando o intuito do historiador era destacar uma determinada abordagem arquitetónica. A apropriação de modelos historiográficos precedentes, ocorreu em casos em que o objetivo era apresentar uma narrativa que não se desviasse da tipificação canónica.



Gráfico 1 – Recursos do relato histórico - Desempenho dos parâmetros da matriz de análise estrutural
Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A análise que efetuamos às histórias da arquitetura portuguesa do século XX, permitiu-nos verificar que os tipos de narrativa com maior preponderância na estruturação das mesmas, foram as narrativas de autor, e as de pendor culturalista. A narrativa (de) estilo, focada nos aspetos estéticos e na linguagem formal da arquitetura, também teve alguma relevância. A narrativa ideológica, foi igualmente preponderante. Este tipo de narrativa decorreu, no entanto, da proximidade do discurso com o compromisso social da arquitetura do movimento moderno, e ainda, da persistência de um espírito revolucionário, nos anos que se seguiram ao 25 de Abril de 1974. A narrativa teórica, apesar de pouco utilizada, sobrepôs-se sempre à leitura disciplinar, e afetou a leitura de aspetos concretos da arquitetura.



Gráfico 2 – *Tipos de narrativa* - Desempenho dos parâmetros da matriz de análise estrutural
Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A análise estrutural que efetuamos, serviu igualmente para expor um conjunto de vazios. A primeira tipologia de vazios, decorreu de processos, que excluíram propostas não enquadráveis, no âmbito dos parâmetros que as histórias canónicas definiram, enquanto princípios irredutíveis da arquitetura moderna. Dos três parâmetros que utilizamos, a ética disciplinar foi aquele que mais se destacou. Este princípio ortodoxo, da arquitetura moderna, resvalou, algumas vezes, para um discurso moralista, - que não abria a mão de uma arquitetura socialmente comprometida, formalmente subordinada à função, e esteticamente dependente desses compromissos. Nas histórias dos anos 70, e da 1.ª metade dos anos 80, encontramos, ainda, alguns resquícios, de ortodoxias, que acabaram por se revelar paradoxais, e de difícil concretização. A matriz anti-histórica das vanguardas, está subjacente à leitura que irá desvalorizar a arquitetura do fascismo. A universalidade do movimento moderno, foi algo que ainda surgiu nas entrelinhas das narrativas do início dos anos 80. A segunda metade dessa década, é marcada pelo afastamento dessas ortodoxias, e por uma aproximação, aos valores da cultura arquitetónica portuguesa.

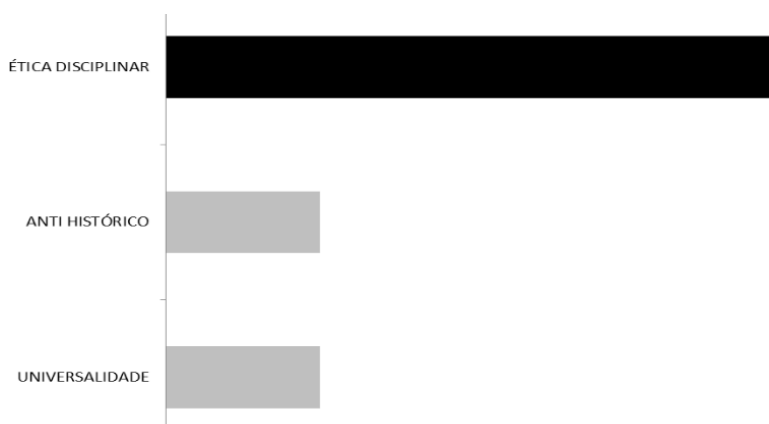


Gráfico 3 – *Princípios canónicos da arquitetura moderna* - Desempenho dos parâmetros da matriz de análise estrutural - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

A segunda tipologia de vazios, decorreu de uma análise disciplinar, inexistente ou desequilibrada. As conclusões que resultaram de uma análise com base nos parâmetros da tríade vitruviana, revelaram o seguinte: O parâmetro *Firmitas* teve sempre pouca relevância. O parâmetro *Utilitas* também não teve um peso significativo na análise. A exceção surgiu na obra mais recente de José Manuel Fernandes, e na obra de Rui Ramos. O parâmetro *Venustas* dominou a maior parte das análises históricas. No entanto, foi desconsiderado por Michel Toussaint, e teve pouca expressão na análise de Rui Ramos.

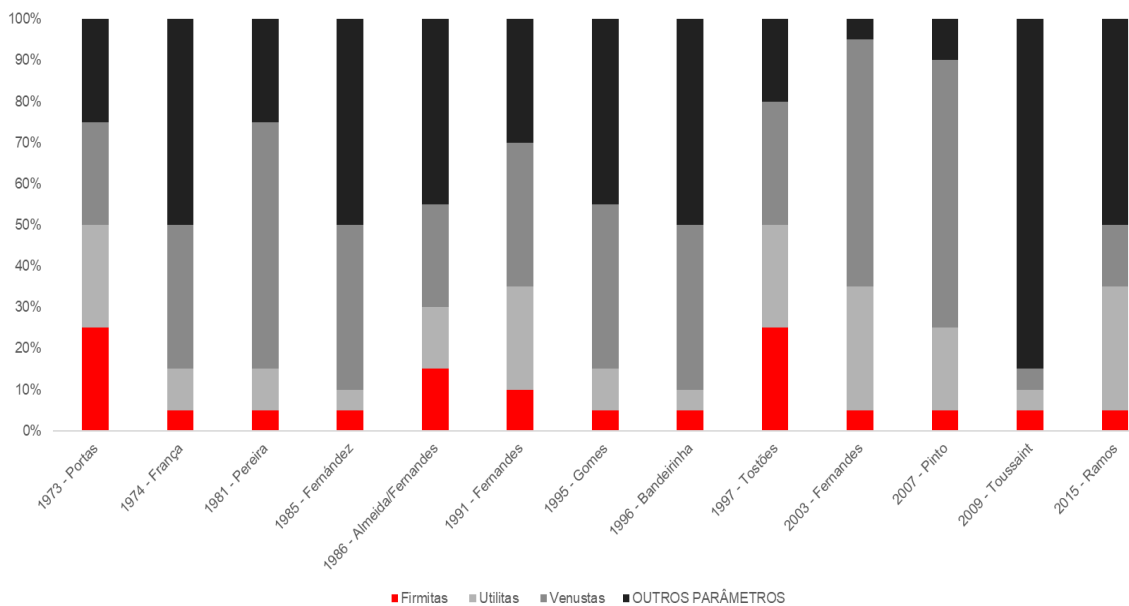


Gráfico 4 – *Firmitas, Utilitas, Fenustas e “outros parâmetros”* - Comparação do desempenho dos parâmetros da análise disciplinar nas diferentes histórias canónicas da arquitetura portuguesa do século XX - Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

No âmbito das treze histórias canónicas da arquitetura portuguesa, que analisámos, o parâmetro *Venustas*, foi o dominante. O parâmetro *Firmitas* foi o menos relevante no âmbito da análise disciplinar empreendida. Contudo, verificou-se a existência de *outros parâmetros*, que, no seu conjunto, demonstraram, uma importância significativa na análise histórica. Desse grupo, destacam-se fatores, que contribuíram para acentuar o pendor crítico da análise, aspetos ideológicos, e ainda, interrogações, que se debruçaram sobre indícios, presentes em valores culturais, e que procuraram fundamentar, a existência de uma identidade.

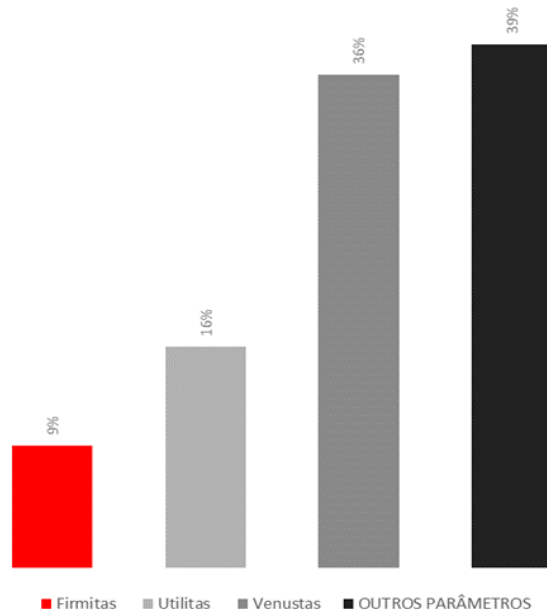


Gráfico 5 – *Firmitas, Utilitas, Venustas e “outros parâmetros”* - Desempenho global dos parâmetros da análise disciplinar nas diferentes histórias canónicas da arquitetura portuguesa do século XX
Gráfico elaborado por Nuno Magalhães

Considerações finais

A revisão historiográfica que efetuámos aos cânones da história da arquitetura portuguesa, além de nos ter chamado à atenção, para um conjunto de vícios, que, conscientemente, ou não, conduziram a estruturação das narrativas, expuseram um conjunto de vazios que decorrem de processos de exclusão. A revisão que efetuámos, alertou-nos, em larga medida, para a necessidade de uma postura crítica constante, diante de análises históricas contemporâneas. Este ensaio, deixa ainda subentendida, a necessidade de nunca esquecer, que a arquitetura é, acima de tudo, uma prática. As revisões historiográficas que venham a ser efetuadas, nunca poderão perder de vista os objetos arquitetónicos. A revisão que levamos a cabo, terá de funcionar, impreterivelmente, como uma ferramenta, no processo de conceção em arquitetura.

Bibliografia

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - **A Arquitetura Moderna**. In AAVV – História da Arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Volume 14.

ARNOLD, Dana; ALTAN ERGUT, Elvan; TURAN OZKAYA, Belgin - **Rethinking Architectural Historiography**, Abingdon: Routledge, 2006.

BANDEIRINHA, José António - **Quinas vivas - Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitetura portuguesa dos anos 40**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1996.

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa: Prestel. 1997.

CARVAJAL, Ángel Isac Martínez de - **A história da arquitetura do século 20. Modelos historiográficos**. In: IBÁÑEZ, María Pilar Biel (coord.) - Lições dos mestres: abordagem histórico-crítica aos grandes historiadores da arquitetura espanhola. 2011, pp. 35-58.

DE LA VEGA DE LEON, Marcarena - **The Historiography of Modern Architecture: Twenty-five Years Later**. Athens: [s.n.]. ATINER'S Conference Paper Series, 2014.

FERNANDES, José Manuel – **A Arquitetura**. In AAVV - Sínteses da Cultura Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Comissariado para a Europália 91, 1991.

FERNANDES, José Manuel - **Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo**. 1.^a Edição. Lisboa: IPPAR, 2003.

FERNANDEZ, Sérgio - **Percurso: Arquitectura portuguesa 1930-1974** (prefácio de Alexandre Alves Costa), Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1985.

FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no século XX – 1911-1961**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

GARIBAY, Maria Lizbeth Aguilera – **La historiografía de la arquitectura de Panayotis Tornikiotis**. Ensayo introductorio y traducción. Mexico: Universidade Ibero Americana. Tese submetida para obtenção de grau de Mestre em Historia. 2004.

GOMES, Paulo Varela - **Arquitetura, os últimos vinte cinco anos – Arquitetura Portuguesa do Século XX**. In PEREIRA, Paulo, História da Arte Portuguesa. Lisboa: Temas e Debates, 1995. Vol. 3, p. 547-591.

GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - **La historiografía de la arquitectura moderna: un proyecto político - discursivo de la arquitectura**. In: GUTIÉRREZ, Ricardo Malagón - La experiencia de la arquitectura en el proyecto y el objeto. Primera Edition. Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano. 2010. pp. 59-115.

LAURINO, Daniela Arias - **La construcción del relato arquitectónico y las arquitectas de la modernidad. un análisis feminista de la historiografía**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, Tesi doctoral, UPC, Departament de Teoria i Història de l'Arquitectura i Tècniques de Comunicació, 2018.

LEACH, Andrew - **What is Architectural History?** Polity Press, Cambridge, 2010.

LUNA, Hernán Lameda - **Cuatro historiadores, cuatro aproximaciones a la historia de la arquitectura contemporánea: Zevi, Tafuri, Jencks y Frampton**. Caracas: Trienal de Investigacion FAU 2017, História y património, 2017.

MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra – **O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal**. In: Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em homenagem a José-Augusto França - Sessões Simultâneas (2ª edição revista e aumentada). Lisboa: APHA. 2015, p. 535-546.

MIRANDA, Ruben García - **Historiografía de la Arquitectura Moderna. El caso latino-americano**. Uruguai: Faculdade de Arquitectura de la Universidad URT Uruguay, 2017. 121 p. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

PANAYOTIS, Tournikiotis - **The Historiography of Modern Architecture**. The MIT Press, 1999.

PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - **A arquitectura do fascismo em Portugal**. Arquitectura. Lisboa: 4ª Série, N.º 142 (jul. 1981), p. 38-49.

PEZZI, María Emilia Hernández - **Historiografía de la arquitectura moderna**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Arte, Tesi doctoral, 1988.

PINTO, Jorge Cruz - **Arquitetura Portuguesa: a Imagem de Caixa**. Lisboa: ACD Editores, 2009. Volume III.

PORTAS, Nuno - **A evolução da arquitetura moderna em Portugal: uma interpretação**. In BRUNO, Zevi - História da Arquitectura Moderna. Lisboa: Arcádia, 1973. p. 687-746.

RAMOS, Rui - **Modernidade Inquieta. Arquitectura e identidades em construção: desdobramento de um debate em português**. 1.ª Edição. Porto: Afrontamento, 2015.

TOUSSAINT, Michel - **Da arquitetura à teoria: teoria da arquitetura na primeira metade do século XX**. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

UCHA, Maria Margarida Perdigão Festas Mariño - **“Português Suave” e “Arquitetura Doce”: contributos para uma historiografia da arquitetura portuguesa**. Lisboa: ISCTE, 2015. Dissertação de mestrado.

WAISMAN, Marina – **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

WAISMAN, Marina – **O interior da história: historiografia arquitetónica para o uso de latino americanos**. São Paulo: Perspetiva, 2013.

ZEIN, Ruth Verde - **O vazio significativo do cânon**. VIRUS, São Carlos, n.º 20, 2020.

ZEIN, Ruth Verde – **Revisões historiográficas: Arquitectura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.

Vegetação na Cidade pelo olhar de Gonçalo Ribeiro Telles

Elodie Marques

Iscte (Dinâmia'cet-iul)

Elodie.Marques@iscte-iul.pt

Resumo: Na celebração do centenário do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922–2020) recupera-se um dos seus primeiros textos publicados. Trata-se de um artigo publicado na revista *Agros* (Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia) em 1957 em que se debate *A importância actual da vegetação na cidade*. O discurso é enquadrado no contexto da arquitetura paisagista em Portugal e nos debates e preocupações contemporâneas relacionadas com o ambiente urbano revelando a atemporalidade dos conceitos abordados. Face aos debates contemporâneos, com o aumento da população nas cidades, as alterações climáticas e os problemas ambientais, o estudo do papel da natureza e conseqüentemente da vegetação na cidade estabelece-se como um contributo importante na resolução destes problemas.

Palavras-chave: Vegetação, Cidade, Arquitetura, Arquitetura Paisagista, Gonçalo Ribeiro Telles

Introdução

Este ensaio centra-se no debate da importância da Vegetação na Cidade pelo olhar de Gonçalo Ribeiro Telles. Foca-se num dos seus primeiros artigos publicados na revista AGROS da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia (ISA), o número de janeiro-fevereiro, em 1957, intitulado “A importância actual da vegetação na cidade”, enquadrando-o no contexto da arquitetura paisagista em Portugal e revelando a atemporalidade dos conceitos abordados.

Atualmente, aproximadamente 72% da população da União Europeia vive em cidades, estimando-se que esta percentagem aumente, alcançando 80% da população (Resolução do Parlamento Europeu 2019/2805, de 17 de setembro de 2020). Esta tendência poderá levar a inúmeros desafios, onde também se destacam as alterações climáticas e os problemas ambientais, que por sua vez, refletem-se na saúde, qualidade de vida e no bem-estar geral da população. Tais problemas prendem-se com: a ocupação e impermeabilização de solo para expansão de áreas edificadas e infraestruturas; o aumento de consumo de água e redução da infiltração de águas pluviais; o aumento da poluição atmosférica e da temperatura conduzindo ao aparecimento de “ilhas de calor”; o crescimento do consumo de energia de edifícios, transportes, iluminação e também alterações no comportamento físico e psíquico.

No discurso da arquitetura paisagista, os *ethos* foram associados ao ideal de sustentabilidade antes mesmo da palavra “sustentável” se tornar comum, tirando partido da natureza e vegetação: posicionar os edifícios de modo que se integrem na paisagem e operem passivamente para conservar ou gerar calor; protegê-los dos ventos; controlar e aproveitar a água; proteger a permeabilidade de um local; criar e proteger um habitat; usar plantas para remediar e modificar condições climáticas são alguns dos conhecimentos adquiridos desta profissão. A paisagem urbana, onde diversos sistemas ecológicos e habitats convergem e se relacionam estabelecem o ambiente no qual nós vivemos e evidenciam a nossa identidade. A paisagem urbana de uma cidade pode, portanto, determinar a sua saúde, habitabilidade, impulsionar (ou não) a sua economia e convergir para a saúde e felicidade dos seus habitantes.

Caldeira Cabral através do Curso Livre de Arquitetura Paisagista no ISA, o primeiro curso de arquitetura paisagista em Portugal, foi formando os seus discípulos. Em 1950, Ribeiro Telles foi o segundo aluno a concluir o curso, iniciando no mesmo ano a sua colaboração na Câmara Municipal de Lisboa. Em 1957 inicia a docência no ISA, ano da publicação do artigo que se analisa. herdando os ensinamentos acima descritos, Ribeiro Telles enuncia o papel da vegetação na cidade: contextualizando historicamente as transformações dos aglomerados urbanos; os jardins e parques públicos como reação ao afastamento da natureza; e o espaço verde como solução para a resolução de muitos problemas de ordem salutar, tais como o clima, microclimas, higienização do ar, psicológicos, económicos e cursos de água. Marcado pela vivência da cidade de Lisboa, grande parte dos aspetos enunciados são comparados através de casos concretos localizados nesta cidade.

Desenvolvimento

Gonçalo Ribeiro Telles, inicia o artigo “A importância actual da vegetação na cidade”¹ contextualizando a evolução do aglomerado urbano mantendo a sua íntima ligação entre o urbano e o campo, integrando esta relação numa paisagem cada vez mais humanizada, isto é, uma paisagem modificada pela atividade antrópica. Nesse seguimento, fortemente impulsionado pelo desenvolvimento industrial do século XIX, as urbes expandiram-se em área e população, originando aquilo a que considerou um dos problemas mais graves dos tempos modernos, alertando:

“A cidade perdeu a sua escala humana afectando as necessidades e a posição do Homem, quer no campo espiritual, quer ainda no campo das suas necessidades de ordem material e salutar.”

Nestes primeiros parágrafos destaca-se a ênfase dada ao “Homem” como centro das atuações, no fundo, a posição do Homem perante uma consciência antropocêntrica como responsável pelas transformações estabelecidas, mas também tendo necessidades que não devem ser descuradas. Como solução para o afastamento entre o Homem e a Natureza, sugere o urbanismo consciente que reconhecendo as novas escalas em que o Homem vive, pretende “organizar a cidade de forma a que se restaurem, mantenham e exaltem aqueles ambientes em que a vida é mais feliz e saudável e portanto mais predisposta para as conquistas humanas.”, tomando como exemplo os resquícios, ainda visíveis, desta relação Homem-Natureza presentes por exemplo na Lisboa medieval, onde se destaca a existência de pequenos hortejos que mantinham uma relação entre a própria habitação e a Natureza, mas também no caso dos rossios, tomando por exemplo o rossio em Lisboa que apesar de se localizar fora dos limites das muralhas evidenciando o afastamento entre o urbano e o campo, não estava completamente isolado. Portanto, segundo Ribeiro Telles o campo era o jardim público e o logradouro do habitante da cidade.

A consciência do crescimento contínuo das cidades, bem como a procura de melhores condições para as habitações em meados de 1950, orientaram a conceção do espaço verde para campos mais vastos e “surgiu a premente necessidade de condicionar o avanço da cidade sobre o campo e permitir, como veremos, que este penetrasse sob diversos aspectos e condições até ao amago da própria urbe”. Tal citação inaugura aquilo que se consideram ser as inquietações e intenções futuras que viriam a ser aplicadas futuramente. É o caso do Plano Verde de Alfama (1959), em que a memória descritiva evidencia a preocupação por manter os logradouros permeáveis e respiráveis; é o caso da proposta de Estura Verde de Lisboa de 1959 elaborada por Ribeiro Telles, Caldeira Cabral e Álvaro Dentinho; e ainda, décadas mais tarde, a aplicação em lei destas intenções nomeadamente no domínio da Conservação da Natureza, do Ordenamento do Território e do Ambiente em Portugal, como sejam as Áreas

¹ TELLES, Gonçalo R. - A importância actual da vegetação na cidade. Revista **AGROS**. Lisboa: Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Janeiro-fevereiro, nº1 (1957), p.137-146.

Protegidas (Decreto-Lei n° 613/76), a Reserva Ecológica Nacional (Decreto-Lei n°321/83), a Reserva Agrícola Nacional (Decreto-Lei n°451/82), e a Lei de Bases do Ambiente (Lei n.º 11/87).

Por sua vez, o conceito de espaço verde urbano, apesar de ser parte integrante da cidade desde os seus primórdios, assume-se de formas distintas ao longo dos tempos com diferentes níveis de importância e acessibilidade. Resultante do afastamento entre a cidade e a Natureza, o jardim e o parque público foram a primeira tentativa de reação a tal acontecimento. O fenómeno de criação de parques e jardins urbanos, inicialmente britânico, relacionado com o movimento romântico de recuo à natureza e à urbanização, rapidamente se expandiu pela Europa².

O caso do Passeio Público em Lisboa, que foi o pioneiro na cidade, fazia parte do projeto de reconstrução da baixa lisboeta após o terramoto de 1755, no entanto, tornou-se num espaço de acesso quase exclusivo e sem função, como refere Magalhães (1992)³. São criados no final do séc. XIX, vários espaços públicos em Lisboa, entre eles: o Jardim da Estrela (1852), o Jardim do Príncipe Real (1859), o Jardim de Alcântara (1864), Jardim da Praça das Flores (1872), Avenida da Liberdade (1879) e Jardim de Campo de Ourique (1880). Assim, o conceito de espaço verde urbano como o interpretamos, só surgiu no século XIX⁴, onde deixa de ser de utilização limitada e passa a ser considerado como ambiente importante para a questão ambiental nas cidades.⁵

É neste contexto que Ribeiro Telles elenca algumas funções do espaço verde na resolução dos seguintes problemas:

1. Clima e microclimas da cidade

Por via da implantação criteriosa de “cortinas protetoras de vento”, podem ser alterados os fatores climáticos, minimizadas as variações climáticas, as características das quedas pluviométricas e a correção de pequenos microclimas na cidade tanto em espaço público como em espaço privado. No fundo, à semelhança da implantação criteriosa da vegetação, o posicionamento dos edifícios deve também ser criterioso de modo que se integre na paisagem e opere passivamente (ou não, de acordo com a intenção) para conservar ou gerar calor, ao protegê-los dos ventos.

² FADIGAS, Leonel de S. **A Natureza na Cidade. Uma Perspetiva para a sua Integração no Tecido Urbano**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 1993. Dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico.

³ MAGALHÃES, Manuela R. - A evolução do conceito de espaço verde público. Revista **AGROS**. Lisboa: Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Julho-dezembro, nº2 (1992).

⁴ FADIGAS, Leonel de S. **A Natureza na Cidade. Uma Perspetiva para a sua Integração no Tecido Urbano**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 1993. Dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico.

⁵ MAGALHÃES, Manuela R. - A evolução do conceito de espaço verde público. Revista **AGROS**. Lisboa: Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Julho-dezembro, nº2 (1992).

Face às alterações climáticas, tais reflexões pensadas em meados do século XX poderão ser úteis tendo em mente as rápidas alterações que se verificam, nomeadamente em relação às “ilhas de calor”, fruto do aumento da poluição atmosférica e da temperatura.

2. Higienização do ar

Em 1957, a indústria era um dos agentes mais poluentes nas cidades, assim como os transportes. Ribeiro Telles ilustra o primeiro caso, através da chaminé da Sacor em Cabo Ruivo e o segundo, através da poluição do ar da Baixa Pombalina, principalmente durante o Verão, provocada pelo trânsito automóvel.

Apesar de se terem já feito bastantes esforços na resolução deste problema, com o aumento da população a habitar as cidades, a poluição inerente à própria vida de toda a cidade, com o crescimento do consumo de energia de edifícios, transportes e iluminação não poderá ser esquecido.

3. Ordem espiritual e psicológica

Neste aspeto, Ribeiro Telles denuncia o declínio para as possibilidades humanas com o sucessivo “artificialismo” e sugere o conhecimento da natureza para a formação de mentalidades equilibradas e as vantagens do espaço verde de ordem económica e recreativa.

Efetivamente, os indivíduos mais em contato com espaços verdes apresentam melhor saúde; bem-estar emocional; diminuição do stress; maior resiliência; maior satisfação com a vida; menor depressão, ansiedade e fadiga.⁶ Por todas essas razões, melhorar o acesso a espaços verdes de qualidade tem o potencial de melhorar os resultados de saúde para toda a população.

4. Economia

Do ponto de vista económico, Telles indica-nos que o espaço verde não poderá ser um espaço economicamente morto, e sugere que as matas e cortinas de arvoredo sejam exploradas. Neste seguimento, indica que nalgumas cidades da Alemanha a produção de madeira das matas municipais era suficiente para abster-se de lançar quaisquer impostos sobre os habitantes.

Em Lisboa, temos o caso da Parque Florestal de Monsanto. É em 1868 que nasce a ideia de rearborizar a serra Monsanto, integrada num “Relatório acerca da arborização geral do País” da autoria de Carlos Ribeiro e Nery Delgado que se refere à arborização de Monsanto de modo a fornecer a cidade de lenhas e madeira, amenizar o clima e contribuir para a saúde pública.⁷ Será entendida como possível fonte de receita?

⁶ LOVELL, Rebecca [et al.] - **A rapid scoping review of health and wellbeing evidence for the Green Infrastructure Standards**. European Centre for Environment and Human Health, University of Exeter Medical School. For: Natural England, Department for the Environment, Food and Rural Affairs, Public Health England, and Ministry for Housing, Communities and Local Government, England, 2020.

⁷ TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande. Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa**. Lisboa: Edições salamandra, 1992.

Por outro lado, também em relação ao valor económico Ribeiro Telles alerta-nos para a vantagem das áreas destinadas à cultura hortícola que deverão ser escolhidas em função da aptidão do solo, e que poderão desempenhar na cidade, um importante papel económico, social e de valorização de panoramas.

A procura por estes espaços com aptidão agrícola gerou o desenvolvimento de projetos para a consolidação de áreas existentes e a criação de novas. Atualmente existem vinte e um parques hortícolas municipais em Lisboa.

5. Cursos de água

Em relação aos cursos de água, Ribeiro Telles sugere-nos a conservação de alguns destes cursos pelo seu interesse panorâmico e recreativo, tomando como exemplo o rio que atravessa Munique perto do centro da cidade histórica.

Sabemos hoje que a ocupação e impermeabilização de solo para expansão da área edificada e infraestruturas, o aumento de consumo de água e redução da infiltração de águas pluviais constituem alguns dos aspetos preocupantes em relação a este recurso.

No fundo, apesar deste alerta não explorar todas as preocupações contemporâneas tem na sua génese de fundamento os objetivos em aproveitar a água, manter e proteger a permeabilidade de um local.

Para finalizar, Ribeiro Telles, no último parágrafo destaca outros papéis da vegetação, nomeadamente em cemitérios, escolas, centros desportivos, jardins, miradoiros, avenidas e grandes acessos. Por sua vez, tais espaços, enunciados em 1957, constituem hoje a Estrutura Verde de Lisboa.

Após a análise do conteúdo teórico presente no artigo, recorreremos à breve análise das imagens ilustrativas. Trata-se de cinco imagens:

Três em Zurique – Logradouro comum de zona residencial; Pequenos hortejos explorados por famílias residentes em zonas habitacionais próximas; Jardim construído sobre uma garagem ocupando um espaço livre interior no centro da cidade.

Uma em Hannover – A árvore na cidade moderna.

E outra em Munique – Aspecto do rio que atravessa Munique perto do centro da cidade.

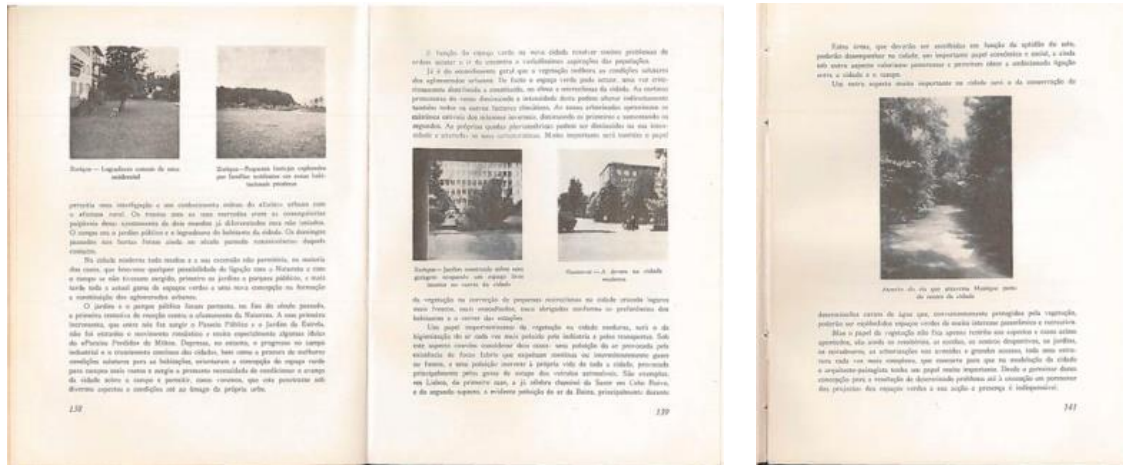


Figura 1 – Gonçalo Ribeiro Telles - A importância actual da vegetação na cidade. Revista **AGROS**. Lisboa: Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Janeiro-fevereiro, nº1 (1957), p.137-141. Elaborado pelo autor.

Neste artigo, ao longo do texto Telles recorre a exemplos presentes em Lisboa, casos palpáveis e próximos dos leitores, sem a utilização de uma única imagem. No entanto, são ilustrados alguns dos papéis da vegetação na cidade através de exemplos concretos estrangeiros. As viagens eram, portanto, uma ferramenta de trabalho e fonte de inspiração. Por exemplo, os congressos da IFLA – International Federation of Landscape Architecture constituíram uma oportunidade para Ribeiro Telles tomar conhecimento das discussões internacionais. Em 1956 pôde acompanhar Viana Barreto e Caldeira Cabral ao 5º Congresso realizado em Zurique sobre “Landscape in contemporary life”. Resultado deste congresso Viana Barreto escreve dois relatórios sobre a visita: um direccionado para a paisagem rural e outro para a paisagem urbana. Este último denuncia a preocupação transversal sobre a paisagem urbana e consequentemente sobre a vegetação na cidade⁸.

Considerações finais

Centrado no debate da *Importância da Vegetação na Cidade* pelo olhar de Gonçalo Ribeiro Telles, este ensaio revela a diversidade das suas preocupações, recomendações e intenções expressas em 1957. Este arquiteto paisagista, político, convicto das suas causas, esperou décadas para defender e ver postas em prática algumas das suas ideias. Face aos debates contemporâneos, com o aumento da população nas cidades, as alterações climáticas e os problemas ambientais, o estudo do papel da natureza e consequentemente da vegetação na cidade estabelece-se como um contributo importante na mediação destes problemas. Os discursos levantados por Ribeiro Telles evidenciam o papel da vegetação na gestão do clima, do ar, a nível psíquico, económico e em relação aos cursos de água. Na atualidade, estes são temas centrais na vida política. Neste seguimento, destaca-se a relevância dos discursos do arquiteto paisagista Gonçalo

⁸ CAMARA, Teresa - **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2015. Tese de Doutoramento de Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana.

Ribeiro Telles na modelação da cidade ilustrando algumas estratégias que poderão ser recuperadas.

Bibliografia

ANDRESEN, Teresa - **Do estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ANTUNES, Ana - **A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de Doutoramento de Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana.

CAMARA, Teresa - **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2015. Tese de Doutoramento de Arquitetura Paisagista e Ecologia Urbana.

FADIGAS, Leonel de S. **A Natureza na Cidade. Uma Perspetiva para a sua Integração no Tecido Urbano**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 1993. Dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico.

GIGANTE, Cláudia - **Importância dos Jardins e Parques no Bem-estar das Populações Estudo de Caso: Cidade de Torres Vedras**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2021. Dissertação de mestrado em Arquitetura Paisagista.

LOVELL, Rebecca [et al.] - **A rapid scoping review of health and wellbeing evidence for the Green Infrastructure Standards**. European Centre for Environment and Human Health, University of Exeter Medical School. For: Natural England, Department for the Environment, Food and Rural Affairs, Public Health England, and Ministry for Housing, Communities and Local Government, England, 2020.

MAGALHÃES, Manuela R. - A evolução do conceito de espaço verde público. Revista **AGROS**. Lisboa: Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Julho-dezembro, nº2 (1992).

PINTO, Mariana – **O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral: Construções do pensamento teórico em arquitetura paisagista**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de mestrado de Arquitetura Paisagista.

TELLES, Gonçalo R. - A importância actual da vegetação na cidade. Revista **AGROS**. Lisboa: Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Janeiro-fevereiro, nº1 (1957), p.137-146.

TILLMANN, Suzanne [et al.] - Mental health benefits of interactions with nature in children and teenagers: a systematic review. **Journal of epidemiology and community health**. 2018. 72(10), 958-966.

TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande. Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa**. Lisboa: Edições salamandra, 1992.

Conservação crítica e dinâmicas de intervenção no património corrente

Marta Vicente

LNEC | ISCTE-IUL – Dinamia'cet
magvicente@lnec.pt magve@iscte-iul.pt

Resumo: Tomando como ponto de partida a enorme responsabilidade de quem tem como profissão desenhar cidades e edifícios, o presente texto aborda a teoria da conservação crítica focando a sua viabilidade para intervenção no património construído. Confrontam-se os princípios de intervenção subjacentes a esta corrente teórica com as práticas de intervenções no património edificado corrente. Este ensaio tem como objetivo proporcionar um momento de discussão e debate sobre o tema da intervenção no património construído, sensibilizando para a necessidade de intervir sobre o que já existe e, por outro lado, alertando para o facto de existirem várias formas de conduzir essas intervenções. O texto organiza-se em dois pontos: um primeiro ponto que reflete sobre as cidades e os seus edifícios mais antigos como palimpsestos de diferentes escalas; e, um ponto dedicado a uma breve reflexão sobre a teoria da conservação crítica.

Este texto esteve na base do Seminário, com o mesmo nome, lecionado a 10 de novembro de 2022, no âmbito do Ciclo de Seminários Cultura Arquitectónica, coordenado pela Professora Paula André no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL. Representa também uma parte da investigação de doutoramento da autora, intitulada “Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020). O caso do eixo Cais do Sodré – Rato” e orientada pela Professora Paula André e pelo Arquitecto João Branco Pedro.

Palavras-chave: património construído; palimpsesto; reabilitação de edifícios; fragmentos históricos; projeto de arquitetura

Introdução

O texto que aqui se apresenta tem como mote inicial as palavras de Lesly Lokko, arquiteta e curadora da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2023, convocadas para o texto de abertura do Ciclo de Seminários Cultura Arquitectónica (André, 2022). As suas palavras convidam a uma reflexão sobre o papel do arquiteto na vida contemporânea, sobre as oportunidades inigualáveis e sobre a responsabilidade que acompanha essas oportunidades. Recuperando as palavras do arquiteto Hassan Fathy (2009, p.30) sobre a árdua tarefa de projetar uma cidade:

“(...) o meu encantamento misturava-se desde o início com uma pitada de incredulidade. Já era bastante estranho projetar uma aldeia inteira sem consultar o Departamento Público de Conservação, mas era ainda mais penoso ter a exclusiva responsabilidade de criar esta aldeia e ser livre de fazer no local o que eu quisesse.”

Partindo da noção de responsabilidade subjacente à profissão de quem desenha cidades, edifícios e casas, o presente texto aborda a teoria da conservação crítica, confrontando os princípios de intervenção que lhes estão subjacentes com aquilo que são as intervenções, mais ou menos qualificadas, mais eruditas ou mais populares, no património edificado corrente. Assim, pretende-se proporcionar um momento de discussão e debate sobre o tema a intervenção no património construído, sensibilizando para a necessidade de intervir sobre o que já existe e, por outro lado, alertando para o facto de existirem várias formas possíveis e viáveis de conduzir essas intervenções. Todas assentes numa base de princípios e valores, todas com potencial valor acrescentado.

O presente texto esteve na base do Seminário coordenado pela Professora Paula André no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL. Representa também uma parte da investigação de doutoramento intitulada “Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020). O caso do eixo Cais do Sodré – Rato” (Vicente, 2021).

1. A cidade e os edifícios enquanto palimpsestos

O projeto de arquitetura idealizado pode facilmente surgir no imaginário de um arquiteto como um projeto com elevados graus de liberdade no desenho, na escolha da materialidade e até da implantação. Surge, por vezes, com a ambição de uma imagem de marca que procura materializar numa só peça todos os ensinamentos, princípios e fundamentos das boas práticas da arquitetura.

Em todo o caso, nem sempre estão reunidas todas as condições para que se exerça esse livre exercício de projeto. Nem sempre o projeto idealizado é o projeto desejado, necessário ou possível. Muitas vezes, talvez a maioria, na sua prática profissional os arquitetos veem-se confrontados com a necessidade de projetar sobre o existente, de *construir sobre o construído*. Para alcançar uma abordagem bem-sucedida neste contexto, é necessário reconhecer a complexidade do exercício de projeto, olhando para a cidade e os seus edifícios – muitas vezes antigos, como autênticos palimpsestos.

pa·limp·ses·to
nome masculino

1. Manuscrito em pergaminho que era apagado pelos copistas na Idade Média, para nele se escrever de novo¹.

Ao longo do tempo, o conceito de palimpsesto tem vindo a ser amplamente convocado nas disciplinas que mais se ocupam de estudar as cidades e o meio urbano. O conceito de palimpsesto convocado para a historiografia das cidades permite caracterizar o seu carácter eternamente incompleto (Secchi, 1993; 2006), vinculando os territórios e, em particular, as cidades à condição de processos contínuos de mudança, transformação e adaptação às necessidades e interesses sociais, políticos e económicos de cada momento (Corboz, 1983; Secchi, 1993, 2006). Fruto do projeto urbano enquanto processo de atuação por *layers* que se articulam no tempo e no espaço (Portas, 2011), as cidades transformam-se.

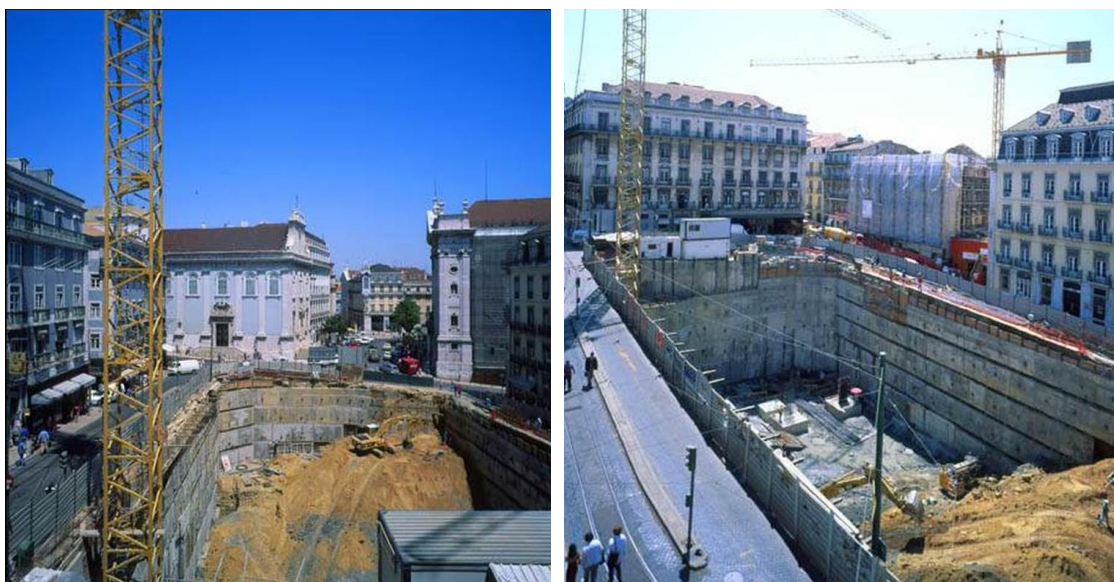
Como refere Lynch (1960, p. 12) “A cidade (...) é o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. (...) Não existe um resultado final, somente uma contínua sucessão de fases”.

A atual Praça Luís de Camões, ponto de referência do tecido urbano da cidade de Lisboa, constitui um elaborado exemplo da aplicação do conceito de palimpsesto à cidade histórica e consolidada. Incontornável ponto de referência, para residentes e visitantes, esta Praça nem sempre existiu. Na realidade, a praça que hoje conhecemos só é criada em 1859, aquando da demolição de um conjunto de casebres que ali se edificavam. Já esses casebres, vieram a ocupar aquele lugar em jeito de construções improvisadas sobre as ruínas do Palácio Marialva que, após o sismo de 1755 havia ficado danificado e inabitável (Calado *et al.*, 2013). Estas várias camadas de história, escrita e reescrita, são recuperadas e tornadas visíveis pela contemporaneidade entre 1999 e 2000 com as escavações realizadas naquele lugar para preparação da construção do parque de estacionamento subterrâneo que ali permanece até aos dias de hoje.

¹ Definição de "palimpsesto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/palimpsesto> [consultado em 08-11-2022].



Figura 1. Ruínas do Palácio Marialva, sob a Praça Luís de Camões (Calado *et al.*, 2013)



Figuras 2 e 3. Escavações e trabalhos de construção do parque de estacionamento (Arquivo Municipal, PT/AMLSB/LUP/000362 e PT/AMLSB/LUP/000361)

Considerando o estado de permanente construção e reconstrução, subjacente ao conceito de palimpsesto, não será difícil olhar também para os edifícios antigos das cidades – mais ou menos históricas, como resultados dos mesmos processos de transformação e adaptação contínuas, conforme defendido por Aguiar (2014, pp. 65-66):

“A cidade e as arquiteturas antigas são palimpsestos e contêm dentro de si estratos, sedimentos, testemunhos dos diversos tempos, registando permanências de longo prazo ou alterações e lacunas produto de cataclismos ou da ação do homem (...) constantemente adaptadas para permitirem a vida ao longo do tempo”

2. Conservação crítica: uma teoria contemporânea

Ao longo do tempo, também o pensamento sobre as formas de intervir sobre o património construído tem evoluído. Das teorias de proteção do património sedimentadas por Choay (1982) e dos princípios basilares para se *construir sobre o construído* (Gracia, 1992), muito se tem alterado nas formas de pensar sobre o património. L. Smith (2006, p.1), por exemplo, rompe com abordagens mais conservadoras, defendendo a re-funcionalização do património, como um “ato de comunicação” e de atribuição de significado *no e para o* presente.

De todas estas alterações ao modo de pensar e intervir sobre este palimpsesto de escala urbana, vão resultando um conjunto de valores que orientam as intervenções de arquitetos e outros atores no património construído. Esses valores tendem a ser assentes na doutrina mais atual de cada momento e, em simultâneo, focados na necessidade de agir sobre o construído, atualizando-o. Evidências desses valores podem ser observados nas obras de José Adrião (*e.g.*, Edifício na Rua dos Douradores e Casa Severa, ambos em Lisboa) onde o mesmo arquiteto se vê confrontado com a necessidade de adotar abordagens distintas: uma que procura recuperar e conservar um edifício pombalino, adaptando-o às necessidades contemporâneas da habitação; e, outra, de carácter transformativo ao nível da utilização, com intenção de celebrar a memória de um ícone da cultura popular portuguesa. Em todo o caso, ambas as abordagens têm um denominador comum: a necessidade de adaptar o património corrente às expectativas que a contemporaneidade tem sobre si.



Figura 4. Edifício na Rua dos Douradores, José Adrião.
<https://joseadriao.com/portfolio/douradores/>



Figura 5. Casa Severa, José Adrião
<https://joseadriao.com/portfolio/casa-da-severa/>

Esta necessidade de dar resposta a questões atuais e específicas do tempo contemporâneo, em paralelo com o desejo de manter vivo e ativo o património construído, alinha-se assim com a teoria da conservação crítica que defende os elementos do passado como participantes ativos do presente, contribuintes válidos para a continuidade das cidades

contemporâneas e não como elementos nostálgicos do passado (Castrillón, 2018; Silva, 2018).

A teoria da conservação crítica defende a presença de elementos – *fragmentos* da pré-existência em articulação com a utilização contemporânea, dando assim lugar ao reuso transformativo do património construído.

Esses fragmentos encontram-se em todas as cidades e edifícios antigos. Podendo assumir diferentes formas, dimensões, expressões e lugares consoante as necessidades identificadas pelos vários atores contemporâneos ao longo da sua intervenção individual ou coletiva sobre estes palimpsestos construídos. Por vezes, é no património corrente que esses fragmentos encontram a sua mais significativa e ativa expressão.



Figura 6. Rua do Alecrim, 37-45.
Plataforma Airbnb, consultado a 15 de abril de 2020.



Figura 7 e 8. Rua do Alecrim, 38.
Plataforma Airbnb, consultado a 15 de abril de 2020.



Figura 9. Rua da Escola Politécnica, 48.
Plataforma Airbnb, consultado a 13 de abril de 2020.

Ao reconhecer a possibilidade de olhar para o património construído, seja ele de exceção ou corrente (*i.e.*, como é o caso do património habitacional do final do século XIX e início do século XX), sob a forma de um conjunto de fragmentos que integram um grande palimpsesto, a teoria da conservação crítica estabelece um caminho mais flexível para a reabilitação. Este caminho, quando assente num levantamento criterioso da pré-existência e num reconhecimento das suas várias camadas de história, permite uma intervenção informada, onde os vários fragmentos de história podem dialogar com as soluções mais contemporâneas de intervenção em edifícios antigos.

Considerações finais

Retomando o objetivo de sensibilizar para a necessidade de intervir sobre o que já existe, alertando para o facto de existirem várias formas de conduzir tais intervenções, importará reforçar três aspetos:

1) A intervenção sobre a cidade e sobre os edifícios pré-existentes é necessária e os arquitetos, historiadores e investigadores têm um papel determinante na forma como essa intervenção é realizada;

2) Existem várias formas de intervir sobre os palimpsestos urbanos e arquitetónicos, todas elas tendencialmente orientadas por um conjunto de valores que decorrem do confronto entre a teoria e a realidade da prática do projeto de arquitetura;

3) A exploração da teoria e dos princípios da conservação crítica pode contribuir para que os projetos de intervenção sobre o património construído permitam que as

camadas históricas dos edifícios tenham um papel presente e capaz de acrescentar valor aos elementos contemporâneos.

Todas estas noções, representativas apenas de uma pequeníssima parte do universo de intervenção no património construído, podem constituir importantes alertas para despertar a consciência de todos aqueles que pensam projetar, acrescentar ou reescrever parte do palimpsesto que são as cidades históricas e contemporâneas.

Bibliografia

AGUIAR, José – Reabilitação ou fraude. **Revista Património**. Lisboa: Imprensa Nacional/DGPC, Vol. 2 (2014), 56-69.

ANDRÉ, Paula – **Programa do Ciclo de Seminários Cultura Arquitectónica**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2022.

CALADO, Marco; PIMENTA, João; FERNANDES, Lúcia; MARQUES, António – Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. **Revista Portuguesa de Arqueologia**. Lisboa: DGPC, Vol. 16 (2013), 383-392.

CASTRILLÓN, Natalia – **Oblique – Critical Conservation**. Volume 2. Cambridge: Oblique, 2018. ISSN 2474-6347

CHOAY, Françoise – **Alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2000 (1ª edição: 1982).

CORBOZ, Andre – The land as Palimpsest. **Diogenes**. França: UNESCO, Vol. 31 – 121 (1983), 12-34.

FATHY, Hassan – **Arquitectura para os pobres. Uma experiência no Egipto rural**. Lisboa: Dinalivro e Argumentum, 2009.

GRACIA, Francisco – **Construir en lo construído – La arquitectura como modificación**. Hondarribia: Editorial Nerea, 1992.

LYNCH, Kevin – **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

PORTAS, Nuno – **A cidade como arquitectura**. Lisboa: Livros Horizonte, 2011 (4.ª ed.).

SECCHI, Bernardo – The Transformation of the Urban Habitat. **Architecture & Behaviour**, Vol. 9 (3) (1993), 337-344.

SECCHI, Bernardo – **Primeira Lição de Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006. ISBN 978-85-273-0773-4

SILVA, Enrique – **Critical Intervention: Alternatives to Preservation in Mexico**. Cambridge: Harvard University, 2018. Tese de Mestrado.

SMITH, Laurajane – **Uses of Heritage**. Londres: Routledge, 2006.

VICENTE, Marta – **Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020). O caso do eixo Cais do Sodré – Rato**. Lisboa: LNEC, 2021. 22 p. Plano de Tese de Doutoramento.

Ativismo e Espaço Público: a cidade, a comunicação e as transformações sócio-espaciais em Lisboa

Patrícia Amorim

ISCTE-IUL, Dinâmias CET
patriciascamorim@gmail.com

Resumo: A revolução tecnológica, juntamente com o meio digital, apresenta novas práticas de comunicação e usos da Internet com impactos inimagináveis até o final do século XX e início do século XXI. Protestos caracterizados pelo uso de redes sociais virtuais para a organização e divulgação de manifestações e posteriormente, ocupação de espaços públicos urbanos, passam a ter um desdobramento notório no território europeu, estendendo-se à capital portuguesa, Lisboa. Embora as expressivas dinâmicas sócio-espaciais de protestos urbanos se evidenciem dentro do contexto dos protestos globais a partir da segunda década do século XXI, estas mudanças foram acontecendo progressivamente, antes mesmo do acesso em massa à internet. O início da década de 90 é diferenciado pela modernização de Portugal e das cidades a partir do ambiente urbano, da cultura e do desenvolvimento da sociedade, pautados nos padrões econômicos, educativos e culturais europeus. Neste cenário, a participação civil ergue-se num contexto da globalização da economia, da comunicação e da cultura, onde, o espaço público apresenta-se marcado pela massificação e estetização do consumo. Neste sentido, pretende-se revelar os desdobramentos que ocorreram nos espaços públicos lisboetas a partir das mudanças tecnológicas de comunicação e a consequente transformação das dinâmicas sócio-espaciais de manifestações de protestos urbanos.

Palavras-chave: Espaço Público, Comunicação, Protestos, Tecnologia, Transformação sócio-espacial

Introdução

O período a partir da segunda metade do século XXI, é marcado pela intensa interação, comunicação e fluxos informacionais através dos canais existentes na Internet, nomeadamente as redes sociais virtuais, juntamente com o crescente mercado dos SmartPhones lançados em 2007. Devido ao desenvolvimento tecnológico e aos novos meios midiáticos, a estrutura para a ação no espaço público passa a englobar os espaços não físicos de ação, onde são criados influxos, gerando novas relações sociais e potencializando as realizações em ambos os espaços.

As dinâmicas sociais realizadas através de dispositivos eletrônicos, não abreviaram a relevância do espaço público urbano enquanto espaço político. Manuel Castells¹ exemplifica esta afirmação ao expor o caso do primeiro sistema de comunicação mediada por computadores difundido para a massa na década de 80 - o Minitel francês. Criado em um meio urbano acentuado, as interações pessoais não foram abaladas pelo novo meio de comunicação. “Na verdade, os estudantes franceses usavam o Minitel para organizar manifestações de rua contra o governo”². Atualmente, o número de manifestações públicas no espaço físico, organizadas com grande suporte comunicacional via internet, é observado com uma frequência cada vez maior, ampliando o campo da esfera pública. O autor propõe que, devido às práticas sociais predominantes na era da informação de um mundo globalizado, o suporte material dos processos dominantes nas sociedades seria um conjunto de elementos que sustentam os fluxos³ - os processos que dominam nossa vida econômica e política simbólica - e permitem a capacidade material de sua coexistência. Assim, o autor propõe a ideia de uma nova forma espacial como característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede⁴: o espaço de fluxos - sendo este, a articulação material da simultaneidade que dá sentido ao espaço social contemporâneo. Deste modo, o suporte material não depende de convivência física para o acontecimento das práticas sociais na era da informação.

Contando que os movimentos sociais criaram, a partir de ocupações urbanas de protestos, espaços para a deliberação, fazendo destes um espaço político de encontro e recuperação dos direitos de representação dos cidadãos, onde, juntamente com o desenvolvimento tecnológico, é construído um espaço público híbrido entre redes sociais da Internet e a ocupação do espaço público físico.

¹ CASTELLS, Manuel - **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

² CASTELLS, Manuel - **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p.468.

³O autor entende que os fluxos são as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade (Castells, 1999:501)

⁴As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos e regiões e até países de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, com um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue— se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas e historicamente enraizadas. Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma posição bipolar entre a Rede e o Ser. (Castells, 1999:41)

Diante do exposto, é entendido que as relações sociais virtuais são fundamentais no entendimento da construção e produção do espaço público físico, enquanto espaço de manifestações de protestos na atualidade. As observações deste influxo, requerem recortes próprios e indispensáveis, a partir dos quais, é possível observar situações e transformações específicas de cada tempo. A partir disto, é proposto uma análise entre as transformações sociais e tecnológicas juntamente com as manifestações de protesto em Portugal, a partir da década de 90, quando surge o acesso a novos dispositivos de comunicação como também, manifestações apartidárias, que passam a ter mais força a partir do desenvolvimento tecnológico. Com isto, pretende-se traçar uma narrativa da evolução deste tema na cidade de Lisboa.

O início das manifestações não institucionais e os dispositivos eletrônicos

A década de 90 se caracterizou por um período diferenciado pela modernização de Portugal e de suas cidades a partir do ambiente urbano, da cultura e do desenvolvimento da sociedade, pautados nos padrões econômicos, educativos e culturais europeus⁵. Neste cenário, a participação civil ergue-se num contexto da globalização da economia, da comunicação e da cultura, onde, o espaço público apresenta-se marcado pela massificação e estetização do consumo, período que Fortuna⁶ classifica como a colonização do espaço. O autor aponta que este cenário era assinalado pela generalização da globalização e a utilização de estratégias de renovação das economias locais urbanas, do lazer, do turismo, da mídia e de outros setores da cultura, onde se destacam os seguintes programas: “Livro Verde sobre o Ambiente Urbano” (1990); lançamento do programa URBAN (1994); o Projecto de Cidades Europeias Sustentáveis (1993) e a Carta de Aslborg (1994)⁷.

Neste período, a população portuguesa começa a organizar manifestações de protestos sem qualquer envolvimento sindical ou institucional, indicando um início de uma mudança social, quando os sindicatos e partidos políticos começam a perder credibilidade, como já indicava a reportagem “SINDICATOS: A unidade falhada”⁸. Por um lado, o estímulo ao individualismo e ao consumismo começam a resultar numa redução da ação coletiva, inibindo a tradição de luta dos movimentos dos trabalhadores, por outro, o surgimento dos escândalos de corrupção dentro das centrais sindicais - como as acusações contra a UGT do recebimento indevido de 400 mil em 1988 e 1989, e as buscas realizadas na CGTP-IN pelo Departamento de Investigação e Acção Penal, (DIAP) em 1995 – começaram a estimular a falta de confiança da população.

⁵ FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença - **Diálogos urbanos: territórios, culturas, patrimónios**. Coimbra: CES/Almedina, 2013.

⁶ FORTUNA, Carlos - **Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico**. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 2002, p.123-148.

⁷ FORTUNA Carlos; SILVA, Augusto - As cidades do lado da cultura: Espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural, em SANTOS, Boaventura S., (org.) 2001. **Globalização: Fatalidade ou utopia?** Porto: Afrontamento, 2001 p.407-459.

⁸ ANON - SINDICATOS: A unidade falhada. **Expresso**, 27 de Junho de 1992, A17.

Em 1992, inicia-se uma onda de protestos de estudantes que vai percorrer grande parte da década de 90, desenquadrada de partidos políticos e associações, indicando o início de protestos não vinculados a instituições. A discussão do possível aumento das propinas das universidades, levou às ruas estudantes revoltosos. O aumento que se discutia na altura, consolidou-se através da Lei nº20/92, publicada no dia 14 de agosto de 1992, que estabeleceu normas relativas ao sistema de propinas. Antecedente à data da publicação da lei, estudantes organizaram greves – que atingiu 90% em todo o país – e se manifestaram em frente ao Ministério da Educação. As manifestações estudantis sem vínculos partidários ou sindicais, nos apontam o desenvolvimento da capacidade comunitária de refletir e reforçar a sua identidade como cidadãos, não querendo ser atores passivos do local onde habitam. Nessa perspectiva, passando pela compreensão de quadro político-social, pode-se perceber que a concentração dos jovens nos espaços urbanos funcionava como elemento catalisador da reafirmação de uma identidade da cidade neste período, onde a organização espacial torna-se um produto das relações sociais, influenciando na maneira com que as pessoas iriam se relacionar.

Neste contexto, outra manifestação que ganha destaque aconteceu em 1994, devido ao aumento de 50% na taxa das portagens que desencadeou um longo protesto de “buzinão” que iria durar por vários meses. Este aumento fez com que os camionistas bloqueassem o acesso à Ponte 25 de Abril, no dia 24 de junho de 1994, fazendo com que o governo recuasse e negociasse o aumento. Este protesto foi de caráter apartidário e sem envolvimento dos sindicatos, caracterizado como uma manifestação espontânea da população.

Em 1995, a comunidade homossexual portuguesa reuniu-se publicamente pela primeira vez para comemorar o Dia do Orgulho Gay, embora não fosse uma manifestação de rua, indica uma mudança de comportamento social bem como um início de diversificação das pautas de lutas.

De acordo com Gustavo Cardoso⁹ os anos de 1998¹⁰ e 1999 são assinalados pela generalização da Internet a extensas parcelas da população. É relevante destacar que já no ano 1997 o Ministério da Cultura, liderado por Manuel Maria Carrilho, lançou um projeto que visava oferecer a milhares de cidadãos de língua portuguesa, uma hospedagem de páginas gratuitas dentro da Word Wide Web (WWW), criando uma ampla comunidade virtual – aproximadamente 26 mil páginas. Devido a denúncias relativas a conteúdos pornográficos em 1998, o portal foi encerrado em julho deste. Diante deste fato, é organizado um protesto online de caráter mediático contra a censura, organizado por *hackers* e alguns jornalistas, que ganhou destaque nas mídias tradicionais – rádio, jornais, televisão - e adquiriu uma dimensão internacional: “o espaço de combate entre organizadores de protesto e Ministro, é a mídia tradicional”¹¹.

⁹ CARDOSO, Gustavo - **Os Media na Sociedade em Rede**. São Paulo: FGV, 2007.

¹⁰ O ano de 1998 é marcado pelo “Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social” e pela “Expo98”, evento internacional que atraiu cerca de 11 milhões de visitantes à cidade e contribuiu para a reorientação da paisagem física e arquitetónica de Lisboa.

¹¹ CARDOSO, Gustavo - **Os Media na Sociedade em Rede**. São Paulo: FGV, 2007, p.426.

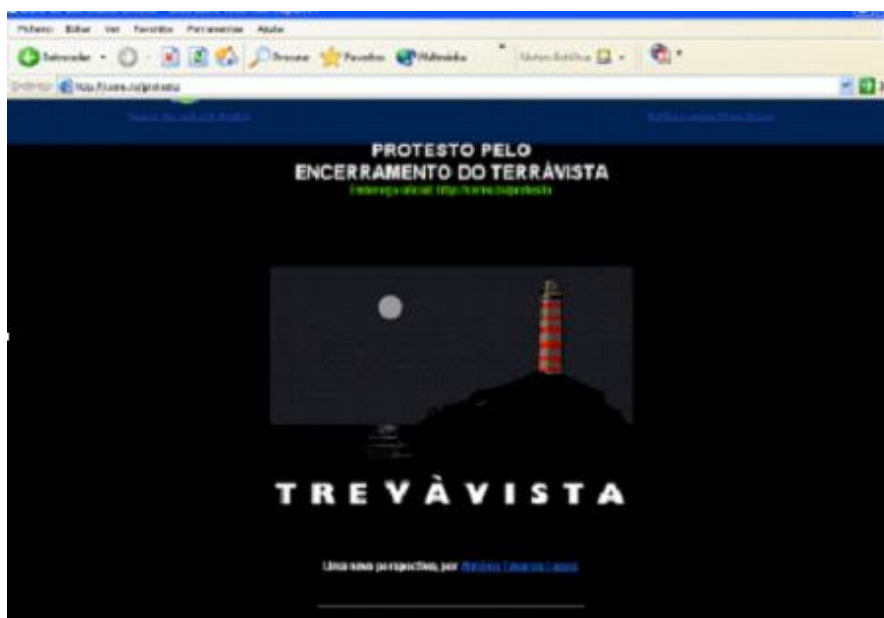


Figura 1 – Imagem do protesto online Terraàvista. @ Cardoso (2007:423)

Nesta circunstância, no dia 7 de agosto de 1998, foi criada a Associação Terràvista a fim de gerir o projeto que duraria até fevereiro de 2000. Este fato nos revela um início de uma mudança no comportamento social e o princípio da expansão da esfera pública política, em consequência do acesso à Internet, que mais tarde irá se expandir até os espaços públicos. Este fato nos aponta o início da interação através da rede mundial de computadores em Portugal, a criação de um novo espaço de discussão e debate público e a mudança de comportamento social face a nova era da globalização.

No dia 23 de janeiro de 1999, centenas de jovens se concentraram na Praça Marquês de Pombal e desceram a Avenida da Liberdade para reclamar a rua através de um ato lúdico de festejo, com malabares em monociclos, danças e cantos. O folheto de divulgação da manifestação dizia: “Festa de rua, dia 23, 14h30, Marquês de Pombal. Traz brinquedos, gingas, cenas, festa, bebida, comida, monstros, amigos, gentlemen/ladies, música, skates e reclamem a rua porque ela é tua!!!!!!”. De acordo com a reportagem do jornal Expresso “Gente alegre e boa onda”, publicada no dia 30 de janeiro de 1999, o desejo dos jovens de ocupar a rua, foi influenciado e inspirado no grupo britânico *Reclaim The Streets* (RTS), que organizava, desde 1991, festas de rua carnavalescas nas principais artérias de cidades como Londres, Manchester e Oxford. À semelhança dos manifestantes lisboetas, o grupo reivindicava a estrada de volta para os peões e objetivava recuperar o espaço urbano sem pedir autorização, justificando que o carro era uma força de controlo e domínio social. Os jovens lisboetas, dentre eles vários artistas, alegaram que “a rua é um espaço nobre da manifestação e do descontentamento e das vocações artísticas, é sinal que há gente viva”¹². A manifestação realizada sem autorização e sem envolvimento de sindicatos ou instituições, levou a polícia

¹² CASTELLS, Manuel - **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

reprender e agredir violentamente os jovens manifestantes, havendo confrontos na Avenida da Liberdade, na Praça dos Restauradores, na Praça do Rossio e Praça do Comércio. Apesar de não haver nenhum relato da influência da internet nesta manifestação, podemos observar que a cidade, entendida como local de realização e experimentação, possibilitará que se perceba a apropriação do espaço público no sentido de propagação de caráter estético e subjetivo, em que a produção estética diz respeito a meios de sensibilidades criadoras e o subjetivo à constante reconstrução de modos de vida. As subversões que representam esse tipo de manifestação compreendem meios de produção coletiva de sentido, onde é observado o anseio de uma parte da comunidade em transformar a cidade de forma espontânea, sem qualquer tipo de influência político-partidária.

De acordo Autoridade Nacional de Comunicações - ANACOM¹³ Em 2004 o telemóvel estava à disposição para 94,8% dos portugueses. Neste contexto, surge a primeira manifestação organizada através de mensagens SMS por telemóvel em Portugal. O protesto contra a ocupação do Iraque e o terrorismo, apoiada por mais de cem entidades, desfilou entre o Largo de Camões e Praça do Município.



Figura 2 - Notícia sobre a primeira manifestação organizada por telemóvel em Portugal - @Expresso Jornal 20/03/2004, arquivo Biblioteca Nacional de Portugal.

Neste mesmo ano, manifestantes organizaram novamente um protesto através de mensagens SMS, reunindo-se em frente ao Palácio de Belém no dia 28 de junho contra Pedro Santana Lopes que viria ser o primeiro-ministro no dia 17 de julho de 2004, como apontado no artigo do jornal Expresso “Políticos na sombra” do dia 3 de julho de 2004.

As primeiras organizações de protestos em Portugal através de dispositivos tecnológicos, revelam o início de ideias e planejamentos de protestos os quais demonstraram a capacidade de rápida divulgação, sem precisar dos mecanismos midiáticos de massa, facilitando a coordenação de atividades com numerosos pontos de

¹³ ANACOM, Estatísticas: Serviços de Comunicações Electrónicas Móveis, Serviço Telefónico Móvel, 2º Trimestre 2006, disponível em <http://www.anacom.pt/template12.jsp?categoryId=200802>

conexão. Este fato nos aponta que a evolução dos meios de comunicação e a capacidade de uma cidade e de uma sociedade de se informar, divulgar informações e envolver em tempo real os seus cidadãos, forneceu os meios para os processos de inovação e difusão das manifestações no espaço público, começando a redefinir a esfera pública.

As redes sociais virtuais e as manifestações de protestos urbanos

O ano de 2007 foi marcado pelo lançamento do primeiro dispositivo mobile da Apple, o Iphone, que veio a revolucionar as comunicações globais e consequentemente as mobilizações urbanas. O ano seguinte, 2008, é assinalado pela maior crise financeira global desde 1929, juntamente com uma crise social devido ao alto índice de desemprego gerado em escala mundial. A integração entre as economias no contexto de um mundo globalizado fez com que as vulnerabilidades econômicas não se estabelecessem somente ao país onde a crise foi iniciada, difundindo no mercado mundial de diversas formas e diferentes dimensões estruturais. Neste contexto, países como a Grécia, Irlanda, Espanha e Portugal viram crescer a crise das dívidas soberanas, quando a fragmentação financeira da zona Euro colocou a economia portuguesa entre as mais vulneráveis.

Influenciados pela Primavera Árabe de 2008, caracterizada pelas fortes articulações e organizações dos protestos através de páginas na rede social Facebook - tomando proporções inimagináveis, expandindo as revoltas para além do território egípcio - os protestos, organizados e divulgados, passam a ter um desdobramento no território europeu, no período marcado pelo o crescimento exponencial do mercado dos Smartphones

Neste contexto, no dia 12 de março de 2011, Portugal se insere no mapa global das manifestações organizadas através da Internet, que eclodem nos espaços públicos de todo o país. A manifestação denominada “Geração à Rasca” foi uma das maiores manifestações espontâneas da história recente de Portugal, desde a Revolução dos Cravos, não vinculada à instituições ou partidos políticos, sendo o primeiro protesto a convocar a ocupação dos espaços públicos através das redes sociais.



Figura 3. Jornal Expresso: Nasceu um parlamento no Rossio, pg. 22, 28-05-2011. Arquivo BNP

Neste mesmo ano, também no mês de março, dias após a grande manifestação, jovens acamparam na Praça do Rossio por mais de uma semana como forma de protesto. Os manifestantes fixaram cartazes com frases de protestos como “Yes, we camp” e “a dívida não é nossa”, realizaram Assembleias Populares contestando o governo, além de declarar apoio aos manifestantes do Movimento dos Indignados, que se encontravam acampados na praça Puertas del Sol em Madrid, movimento este que inspirou a ocupação da Praça do Rossio.



Figura 4 - Jornal Expresso: Ninguém sabe o que vai ser deles, pg. 18, 19-03-2011. Arquivo BNP

No ano seguinte, no dia 12 de maio de 2012, Portugal participou novamente de atos globais, desta vez a Primavera Global, um protesto “Pela Democracia Global e pela Justiça Social”, mobilizando pessoas nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Braga e Faro. O protesto “Que Se Lixe a Troika”, organizado nas redes sociais virtuais e realizado no dia 15 de setembro deste mesmo ano, teve grande destaque devido à sua dimensão territorial¹⁴ e a forte adesão dos cidadãos, ultrapassando o número de manifestantes do protesto “Geração à Rasca” de 2011 e até mesmo, segundo Soeiro (2014), as manifestações do 1º de Maio de 1974, evidenciando o poder transformador das comunicações através das redes virtuais, bem como seu impacto nos espaços públicos das cidades.

Neste momento, o espaço público pôde ser associado a um referente simbólico coletivo em que o edificado e os espaços vazios se tornaram referências de identidade da cidade ao buscarem um lugar de reconhecimento, retribuindo ao espaço uma função de representação, constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de práticas transformadoras através de um espaço híbrido entre as redes sociais virtuais e a apropriação do espaço público.

Considerações Finais

O reconhecimento do espaço público como um produto de inter-relações, pode ser interpretado como o lugar da presença da diversidade - no sentido da pluralidade contemporânea -, como esfera da coexistência e da heterogeneidade - na qual distintas trajetórias coexistem¹⁵.

Ao mesmo tempo que, na atualidade, se observa a inclusão da discussão do espaço público nas pautas acerca dos projetos urbanísticos, na tentativa de validar a pauta integração social, fica evidente que, a partir de manifestações espontâneas, é possível observar a ocupação dos espaços públicos das cidades com reivindicações, como um impulsionador de um confronto direto com o planejamento urbano estabelecido. É possível observar que as características dos protestos começam a se modificar com mais evidência a partir da década de 90, tanto em suas pautas de lutas, como de comportamento e organização. Diferente de todos os momentos da história das manifestações de protestos, a partir deste momento, parte considerável dos atores sociais que organizam os protestos de rua passam a ser pessoas não ligadas a organizações sindicais, onde o espaço público passa a ser associado a um referente simbólico coletivo em que o edificado e os espaços vazios se tornam referências de identidade da cidade ao buscarem um lugar de reconhecimento, retribuindo ao espaço uma função de representação.

¹⁴ Mais de 40 cidades, em Portugal e no exterior, realizaram as manifestações convocadas através das redes sociais virtuais pelo movimento 'Que se lixe a troika, o povo é quem mais ordena', para protestar contra as políticas de austeridade, totalizando cerca de um milhão de manifestantes.

¹⁵ MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Devido ao desenvolvimento tecnológico e aos novos meios midiáticos, que proporcionam novas formas de ação, comunicação e representação, a estrutura para a ação no espaço público engloba, também, espaços não físicos de ação. No entanto, as dinâmicas sociais realizadas através de dispositivos eletrônicos, não abreviam a relevância do espaço público urbano enquanto espaço político. A entrada dos meios tecnológicos e digitais nas organizações e comunicações, nos revela que, mesmo com uma pluralidade, com a multiplicidade de identidades e realidades, é possível observar uma identidade urbana em larga escala ou de uma condição urbana encontrada nas práticas de cidadania desenvolvidas no espaço público híbrido. Assim, as apropriações dos espaços públicos na cidade, a partir deste período, assumem-se como uma reformulação dos modos de viver em sociedade a partir do enriquecimento da experiência urbana, tornando tanto o espaço público virtual quanto o físico, meios de relações que se tornam comuns às pessoas e grupos, moldando novas ações e vínculos que essas pessoas e os grupos mantêm com os dispositivos de comunicação e os dispositivos espaciais, simultaneamente. Assim, o espaço se revela enquanto um produto híbrido. Desta forma, reconhecemos que o espaço público virtual é um suporte de um momento de um modo de produção social que se concretiza através do espaço construído.

Bibliografia

ANON - SINDICATOS: A unidade falhada. **Expresso**, 27 de Junho de 1992, A17.

ANON - Gente alegre e boa onda. **Expresso**, 30 de Janeiro de 1999, 10-11.

ANON - Nasceu um parlamento no Rossio, **Expresso**, 28 de Maio de 2011, 22.

ANON - Ninguém sabe o que vai ser deles. **Expresso**, 28 de Maio de 2011, 18.

CARDOSO, Gustavo - **Os Media na Sociedade em Rede**. São Paulo: FGV, 2007.

CASTELLS, Manuel - **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FORTUNA, Carlos - **Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico**. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 2002, p.123-148.

FORTUNA Carlos; SILVA, Augusto - As cidades do lado da cultura: Espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural, em SANTOS, Boaventura S., (org.) 2001. **Globalização: Fatalidade ou utopia?** Porto: Afrontamento, 2001 p.407-459.

FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença - **Diálogos urbanos: territórios, culturas, patrimónios**. Coimbra: CES/Almedina, 2013.

M.A.M - Políticos na sombra. **Expresso**, 3 de Julho de 2004, 7.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOEIRO, José - **Da Geração à Rasca ao Que se Lixe a Troika. Portugal no novo ciclo internacional de protesto**. Porto: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXVIII, 2014, p. 55 – 79.

Notas Curriculares

Elodie Marques

É formada em Arquitetura no Iscte, concluiu o Mestrado Integrado em Arquitetura em 2018 apresentando o trabalho final intitulado “As obras públicas no Vale do Tejo: a navegação do canal da Azambuja. Reconversão do Canal da Azambuja”. Nesse seguimento iniciou atividade como Arquitecta no atelier Promontorio até 2020, ano em que se candidata ao Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos no Iscte. Em 2022 recebe a bolsa de investigação ‘A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza – Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (Expo’98)’. Desde a sua formação Elodie Marques tem desenvolvido projetos em diferentes áreas de trabalho, da construção de equipamentos e habitação, requalificação de edifícios e espaços públicos até à investigação científica. O trabalho desenvolvido no atelier teve como base uma contínua reflexão conjunta de técnicos de diversas áreas em que se destacam a Arquitetura Paisagista e a Engenharia Civil. Os conhecimentos adquiridos na sua prática em atelier suscitaram questões nas áreas da Arquitetura, Arquitetura Paisagista, Urbanismo e sobre os desafios Ambientais e, portanto, são estas as áreas de interesse na sua investigação de doutoramento.

Margarida Marino

Licenciada em Cultura Arquitetónica pela Universidade de Évora (2011), mestre em História Moderna e Contemporânea, na especialidade Cidades e Património, pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (2015), doutorada em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, na especialidade Cidades e Território (2022). Tem desenvolvido investigação no âmbito da História, Teoria e Crítica de Arquitetura, nomeadamente em torno da obra do arquiteto Pedro Vieira de Almeida, com a Dissertação de Mestrado “*Português Suave*” e “*Arquitetura Doce*”. *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa* (ISCTE-IUL, 2015) e a Tese de Doutoramento *Pedro Vieira de Almeida (1933-2011). Arquitetura: Teoria, Prática, Crítica, História (1963-2010)* (ISCTE-IUL, 2022). Membro do Núcleo de Investigação *Arquitetura e Cultura Visual*, coordenado pela Professora Paula André no Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos.

Marta Vicente

É arquiteta e bolseira de doutoramento com atividade em projetos e estudos nos domínios da arquitetura, engenharia e ciências sociais. Possui licenciatura em Estudos Arquitetónicos (2013) e Mestrado em Arquitetura (2016) ambos pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Foi no desenvolvimento da sua dissertação final de Mestrado que descobriu a sua paixão pela investigação nos domínios da arquitetura e urbanismo, tendo realizado uma investigação sobre a reabilitação das roças de São Tomé e Príncipe que contemplou dois meses de trabalho de terreno na ilha de São Tomé. Iniciou a sua atividade profissional como estagiária no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (2016) e desde então tem vindo a colaborar como investigadora nas atividades do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais, Departamento de Edifícios (LNEC). Atualmente, a par da atividade de investigação no LNEC, encontra-se inscrita no programa doutoral “Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos” do ISCTE-IUL, com o objetivo de desenvolver a sua investigação de doutoramento no

domínio da reabilitação de edifícios antigos, tomando como caso de estudo os edifícios do eixo Cais do Sodré - Rato, em Lisboa

Nuno Magalhães

Arquiteto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (1999), mestre em Cultura Arquitetónica Contemporânea pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (2008) e doutorando em arquitetura dos territórios metropolitanos contemporâneos pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Em 1999 ingressa, em contexto do estágio académico, na Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais onde elabora vários projetos para diversas entidades estatais. Inicia a atividade liberal em 2000 onde desenvolve, em co-autoria com o arquiteto David Dionísio, diversos projetos, com relevo especial para o projeto de Remodelação e Ampliação da Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes. Em 2001 integra os quadros da Câmara Municipal do Barreiro onde desenvolve diversos projetos para equipamentos municipais, dos quais se destacam o projeto do Arquivo Municipal do Barreiro, em 2004, o projeto para a Piscina Municipal do Barreiro, em 2010, o projeto de ampliação e reabilitação dos Paços do Concelho do Barreiro, em 2011, e o projeto para a reabilitação do Moinho de Maré Pequeno, entre 2014 e 2019. De 2007 a 2012, é membro do Conselho Técnico da Sociedade Nacional de Belas Artes. Em 2012 é eleito membro da Direção da Sociedade Nacional de Belas Artes, presidida pelo Pintor José de Guimarães. Entre 2014 e 2016 é membro da Direção da Sociedade Nacional de Belas Artes, presidida pelo Professora Cristina Azevedo Tavares.

Patrícia Amorim

Graduada em Arquitetura e Urbanismo (2012) Belo Horizonte, Brasil, sempre acreditou no reconhecimento e na valorização da cultura como fator fundamental para a geração de estratégias de promoção de melhores ambientes urbanos. Com este entendimento, realizou o Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura - Entretenimento e Indústrias Criativas, em 2015, ISCTE-IUL, Lisboa. Atualmente escreve projetos para fim de captação de recursos para grupos do campo da Cultura, produtora na DarkLight Studio em Barcelona e é Investigadora Assistente do Dinâmia'CET, ISTCE-IUL, onde está finalizando sua tese "Os Espaço Público e as Manifestações de Protestos Urbanos em Lisboa" no doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos contemporâneos com ênfase em Cidades e Territórios. Seus estudos são direcionados na relação entre dinâmicas sócio-espaciais e os espaços públicos - nomeadamente das manifestações de protestos urbanos - e os desdobramentos dessas relações onde é investigado a memória coletiva e das cidades, as simbologias espaciais, a função social do espaço público, a identidade das cidades, os espaços políticos urbanos bem como a relação das configurações espaciais com os movimentos e ocupações nos espaços públicos.

Paula André

Doutorada em Arquitectura pelo Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e mestre em História da Arte pela FCSH-UNL. Professora do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do Iscte -Instituto Universitário de Lisboa; directora do Mestrado em Arquitectura e Cultura Visual em Lisboa; coordenadora do Núcleo de Investigação Arquitectura e Cultura Visual no Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos; docente do Mestrado Integrado em Arquitectura, do

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura; coordenadora da Área Científica de Teoria e História da Arquitectura e Urbanismo; membro da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura e Urbanismo; membro da Comissão Científica e investigadora integrada do Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território - Dinâmia'cet-Iscte. Coordena o “Laboratório Colaborativo Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. Seminário de Investigação, Ensino e Difusão” em parceria com Paulo Simões Rodrigues e Sofia Aleixo (Universidade de Évora), Paula Ribeiro Lobo (Universidade Nova de Lisboa), Miguel Reimão Costa (Universidade do Algarve), Lúcia Rosas e Maria Leonor Botelho (Universidade do Porto), María Teresa Perez Cano (Universidad de Sevilla), Maria Fernanda Derntl e Carolina Pescatori (Universidade de Brasília), Sérgio Proença (Universidade de Lisboa), Raimundo Bambó (Universidad de Zaragoza), Ana Esteban Maluenda (Universidad Politecnica de Madrid), Alexandre Nobre Pais (Museu Nacional do Azulejo), João Branco Pedro (Laboratório Nacional de Engenharia Civil), Adriano Tomitão Canas (Universidade Federal de Uberlândia), Mário Caeiro (Politécnico de Leiria), Helio Herbst e Ana Amora (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Membro do Comité Editorial da Revista “ARA”, editada pelo Grupo Museu/Património da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Revista "Cidades, Comunidades e Territórios" editada pelo Dinâmia'cet-Iscte.

